



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO-CEDUC
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

ARIANA RAFAELA CAVALCANTI LIMA

**OS MULTILETRAMENTOS COMO INSTRUMENTO NO ENSINO DE
GEOGRAFIA: EXPERIÊNCIA A PARTIR DO SUBPROJETO GEOGRAFIA/
PIBID/UEPB**

**CAMPINA GRANDE - PB
NOVEMBRO – 2017**

ARIANA RAFAELA CAVALCANTI LIMA

**OS MULTILETRAMENTOS COMO INSTRUMENTO NO ENSINO DE
GEOGRAFIA: EXPERIÊNCIA A PARTIR DO SUBPROJETO GEOGRAFIA/
PIBID/UEPB**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em forma de monografia, apresentado ao Curso de Licenciatura plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências legais, para obtenção do Grau de Licenciada em Geografia.

Orientadora: Professora Dr^a Josandra Araújo Barreto de Melo

Coorientador: Professor Esp. Jonas Marques da Penha

**CAMPINA GRANDE - PB
NOVEMBRO – 2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L732m Lima, Ariana Rafaela Cavalcanti.

Os multiletramentos como instrumento no ensino de geografia: experiência a partir do subprojeto geografia/ PIBID/UEPB [manuscrito] : / Ariana Rafaela Cavalcanti Lima. - 2017.

66 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.

"Orientação : Profa. Dra. Josandra Araújo Barreto de Melo, Coordenação do Curso de Geografia - CEDUC."

"Coorientação: Prof. Esp. Jonas Marques da Penha , Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa"

1. Multiletramentos. 2. Ensino de geografia. 3. Instrumentos de ensino.

21. ed. CDD 372.89

ARIANA RAFAELA CAVALCANTI LIMA

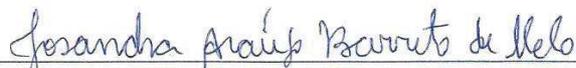
**OS MULTILETRAMENTOS COMO INSTRUMENTO NO ENSINO DE
GEOGRAFIA: EXPERIÊNCIA A PARTIR DO SUBPROJETO GEOGRAFIA/
PIBID/UEPB**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado ao Curso de Licenciatura plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências legais, para obtenção do Grau de Licenciada em Geografia.

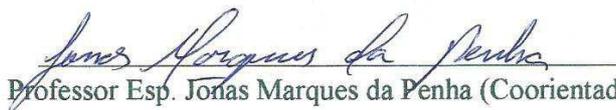
Área de concentração: Ensino em Geografia.

Aprovado em: 22/11/2017

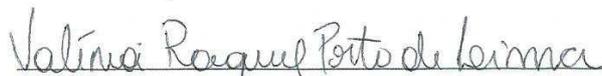
BANCA EXAMINADORA



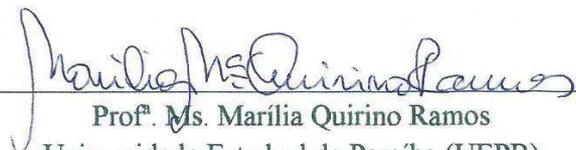
Prof.^a Dr.^a Josandra Araújo Barreto de Melo (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Professor Esp. Jonas Marques da Penha (Coorientador)
Supervisor PIBID/Geografia/UEPB



Prof.^a Dr.^a Valéria Raquel Porto de Lima
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a Ms. Marília Quirino Ramos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico ao meu Deus que foi fonte principal para concretização deste Trabalho, como também a toda minha família e em especial à minha mãe Iolanda Cavalcanti Ferreira que sempre me deu forças para realização de meus objetivos. Ao meu querido esposo José Jairo Rufino de Lima por todo amor, compreensão e incentivo para concretização de um grande sonho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao Deus Supremo, por estar ao meu lado em todos os momentos, tanto calmos como turbulentos; pelas vitórias alcançadas no decorrer de minha trajetória, consciente de que sem Ele ao meu lado para me encorajar, eu não teria chegado até aqui.

A toda minha família, que é o meu porto seguro. Em especial, aos meus amados pais José da Mota Ferreira e Iolanda Cavalcanti Ferreira, pelos esforços para criar seus filhos com dignidade. Às minhas irmãs, Kalina Fernanda Cavalcanti Ferreira e Raquel Luana Cavalcanti Ferreira, pela amizade, incentivo e apoio em momentos que sempre precisei. À minha amiga de jornada acadêmica e na vida, Jaqueline Malaquias Flor, lembrando da frase: “Você é capaz!” Você faz parte da minha conquista. Muito Obrigada por sua amizade e por se fazer sempre presente, me dando aquela força! À minha também amiga, Amile de Souza Henrique, que sempre me deu muito incentivo. Obrigada!

A uma pessoa mais que especial, que Deus colocou no meu caminho no momento certo, meu querido esposo José Jairo Rufino de Lima, pelo amor, ajuda e compreensão para realizações dos meus sonhos, que também são seus. Sem você eu não teria conseguido! Quando dividiu não só sua vida comigo, mas todas as dificuldades. Obrigada meu amor! Te amo.

À minha querida Orientadora, a Professora Dr^a Josandra Araújo Barreto de Melo, agradecendo pela oportunidade de ter sido sua Bolsista no Projeto de Iniciação à Docência - PIBID. Obrigada pelos ricos conselhos! Uma das melhores professoras que já tive! Pessoa e profissional por quem tenho grande respeito e admiração. Uma honra tê-la conhecido!

Não podendo esquecer de nosso querido Supervisor do PIBID na Escola Estadual Maria Emília Oliveira de Almeida, como também meu coorientador, Jonas Marques da Penha, um ser humano incrível que tive a honra de conhecer e aprender muito, sempre buscando o melhor para ajudar os bolsistas PIBID sob sua supervisão. Minha gratidão por tudo! Deus o recompense com ricas bênçãos.

Também a todos os meus professores que me ajudaram de forma direta e indireta, em especial a minha querida professora Ms. Marília Quirino, a Prof. Dr^a Valéria Raquel Porto de Lima e ao Prof. Daniel Campos. A esses professores, levarei comigo um exemplo a seguir, pois ser professor é além de um profissional que repassa um conhecimento adquirido, é também aquele ser humano que compreende o lado do aluno, com sua sabedoria sabe cobrar quando necessário, e sabe corrigi-lo com ética.

“Através da Geografia podemos reconhecer a relação sociedade-natureza muito além dos livros, nos levando a enxergar novos horizontes e novas possibilidades.”

– Ariana Rafaela Cavalcanti Lima.

LIMA, Ariana Rafaela Cavalcanti. **Os Multiletramentos como instrumento no ensino de Geografia: experiência a partir do subprojeto Geografia/PIBID/UEPB.** (Monografia graduação) UEPB. CEDUC. DG. Curso de Geografia. 2017

RESUMO

Os multiletramentos podem ser caracterizados como diversas formas do professor ministrar suas aulas, a partir da utilização de imagens, músicas, jogos, tecnologias de informação, dentre outras ferramentas de ensino que levem os alunos a aprender de forma crítica e com maior facilidade, passando a enxergar a paisagem e o lugar que vivenciam de maneira diferente e com mais significado. Nesta Perspectiva, este Trabalho tem como objetivo central o uso dos multiletramentos para trazer o conteúdo geográfico para a realidade, aproveitando da experiência no âmbito do Subprojeto Geografia, integrante do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID/UEPB. As intervenções ocorreram junto às turmas do 7º ano D e do 8º ano C na Escola Estadual de Ensino Fundamental Maria Emília Oliveira de Almeida, localizada no Bairro Presidente Médici, Campina Grande PB. As ações foram mediadas a partir do uso de recursos como imagens, música, vídeo, aula de campo, confecção de mapas e atividades. Os resultados alcançados, num período de 12 meses (agosto 2016 à agosto 2017) foram satisfatórios, mostrando que o método utilizado produz eficácia no ensino de Geografia, pois através dele os alunos demonstraram ter compreendido os temas abordados, apontando elementos da paisagem e reconhecendo o seu espaço vivido no cotidiano.

Palavras-chave: Multiletramentos. Ensino de Geografia. PIBID.

ABSTRACT

The multiletramentos can be characterized as various forms of teacher teaching their classes, using images, music, games, information technologies, among other teaching tools that lead students to learn more critically and easily, to see the landscape and the place they experience differently and with more meaning. In this perspective, this work has as its central objective the use of multilevels to bring geographic content to reality, taking advantage of the experience in the ambit of the Geography Subproject, part of the Institutional Program of Initiation to Teaching Grants - PIBID / UEPB. Interventions occurred in the 7th grade class D and 8th grade C in the Maria Emília Oliveira de Almeida State School of Education, located in the Presidente Médici District, Campina Grande PB. The actions were mediated through the use of resources such as images, music, video, field lessons, maps and activities. The results achieved in a period of 12 months (August 2016 to August 2017) were satisfactory, showing that the method used produces efficacy in the teaching of Geography, because through it the students demonstrated to have understood the topics addressed, pointing out elements of the landscape and recognizing the their space lived in everyday life.

Keywords: Multiletramentos. Teaching Geography. PIBID.

LISTA DE SIGLAS

PIBID – Projeto de Iniciação à Docência

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

EJA – Educação de Jovens e Adultos

PPP – Projeto Político Pedagógico

TI- Tecnologia da Informação

TCI – Tecnologia de Comunicação e Informação

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PC – Personal Computer

EA – Educação Ambiental

PNLD – Programa Nacional do Livro Didático

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Localização da Escola Maria Emília Oliveira de Almeida.....	13
Figura 02: Estrutura física da Escola.....	14
Figura 03: Quantidade de turmas.....	14
Figura 04: Equipe de funcionários.....	15
Figura 05: Equipe Gestora.....	15
Figura 06: Turma 7º Ano “D” em frente à E. E. de E. F. Maria Emília Oliveira de Almeida.....	16
Figura 07: Turma 8º Ano “C” na sala de aula - E. E. de E. F. Maria Emília Oliveira de Almeida.....	17
Figura 08: Mapa mental elaborado antes da aula de campo, representando os problemas causados pelo processo de urbanização próximo a escola, no bairro Presidente Médici – Campina Grande-PB.....	37
Figura 09: Mapa mental representando os problemas causados pelo processo de urbanização próximo a Escola, no Bairro Presidente Médici – Campina Grande – PB.....	39
Figura 10: Mapa mental representando os problemas causados pelo processo de urbanização próximo à escola Maria Emília no bairro Presidente Médici - Campina Grande – PB...	40
Figura 11: Visão sobre o Meio Ambiente dos alunos.....	41
Figura 12: Questionamento sobre a percepção de problemas ambientais na escola pelos alunos.....	42
Figura 13: Percepção de problemas ambientais observados na escola pelos alunos que responderam afirmativamente.....	43
Figura 14: Você se incomoda com esses problemas?.....	43
Figura 15: Responsáveis pelo surgimento problemas ambientais na escola.....	44
Figura 16: Responsáveis em solucionar os problemas ambientais na escola.....	45
Figura 17: O ambiente escolar na visão dos alunos questionados.....	45
Figura 18: Como os alunos consideram o ambiente escolar.....	46
Figura 19: Percepção dos alunos em relação aos problemas ambientais.....	47
Figura 20: Identificação de problemas ambientais pelos alunos.....	47
Figura 21: Opinião a respeito da conservação do ambiente em que os alunos vivem.....	48
Figura 22: Opinião sobre o que têm feito para conservar e/ou melhorar o ambiente em que vivem.....	49
Figura 23: Questionamentos se eles gostariam de participar de algum projeto de Educação Ambiental.....	49
Figura 24: Atividade “História das coisas”, baseada no documentário com mesmo nome: os alunos com embalagens em mãos fizeram o percurso por onde cada produto passou até chegar ao consumidor final, apontando os Setores da economia.....	50

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. METODOLOGIA	13
2.1 Localização e caracterização do espaço da pesquisa.....	13
2.2 Métodos e Técnicas.....	18
3. MULTILETRAMENTOS NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA	19
4. OS MULTILETRAMENTOS COMO FERRAMENTA INTERDISCIPLINAR	23
4.1 Geografia e Interdisciplinaridade: breve explanação	23
5. (RE)CONHECENDO O MEIO AMBIENTE A PARTIR DOS MULTILETRAMENTOS	29
6. RESULTADOS E DISCUSSÕES	35
6.1. Intervenção didático-pedagógica na turma do 7º Ano “D”	35
6.2. Resultados das intervenções na turma do 8º Ano “C” a partir da percepção ambiental dos discentes	40
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	53
APÊNDICES	56
ANEXOS	65

1. INTRODUÇÃO

Mesmo percebendo que a educação no Brasil tem passado por inúmeras dificuldades, tanto financeiras quanto por grande desmotivação enfrentada pelos professores e alunos da rede pública, podemos pensar que mesmo com todos estes obstáculos, o professor pode propor o conteúdo em sala de aula de forma dinâmica, pois este como agente transformador da sociedade pode mudar as suas metodologias.

Para o ensino da Geografia ser menos mecanicista, entram em cena os multiletramentos, que vem promover aulas mais proveitosas e interativas, sendo inseridos como instrumentos para auxiliar o ensino e aprendizagem e, assim, produzir um desenvolvimento mais eficaz para que os alunos possam compreender o espaço vivido, pois como afirma Cavalcanti (p. 74, 2013): “Percebe-se assim que a tarefa é ir além do espaço vivido, restrito aos seus limites empíricos, pois deve-se considerá-lo em relação a outras dimensões da realidade, mas incluindo elementos de outras escalas”.

A partir do exposto, este Trabalho tem por objetivo analisar a experiência desenvolvida na Escola Estadual de Ensino Fundamental Maria Emília Oliveira de Almeida, localizada no Bairro Presidente Médici, Campina Grande, PB; no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID/CAPES/UEPB subprojeto de Geografia, utilizando dos multiletramentos para aproximar o conteúdo geográfico da realidade dos alunos.

Na busca de alcançar os objetivos e as expectativas dos discentes, as intervenções foram planejadas e postas em prática na perspectiva da Pesquisa-Ação. Segundo Engel (2000, p. 4), “A pesquisa-ação é situacional: procura diagnosticar um problema específico numa situação também específica, com o fim de atingir uma relevância prática dos resultados”. As mediações transcorreram mediante aulas expositivas e dialogadas com o auxílio de imagens, vídeos, música, aula de campo, confecção de mapas, atividades e também produção de vídeo.

A ciência geográfica, no decorrer dos anos, vem passando por transformações significativas, com conseqüente expansão em sua área de atuação, precisando, assim, manter contatos com outras áreas afins para, então, atender as demandas na perspectiva da construção de conhecimentos, sendo esse conhecido pelo termo “interdisciplinaridade”.

No contexto do espaço escolar também ocorre que, em alguns casos, os discentes não conseguem diferenciar os estudos da Geografia de outras ciências como, por exemplo, História e Ciências, que são as disciplinas escolares que mais comumente interagem com a Geografia Escolar, pelo menos no imaginário do aluno.

Já os docentes vivem o “dilema” de transitar por caminhos, muitas vezes, desconhecidos como é o caso das Novas Tecnologias, as quais cada vez mais estão presentes no cotidiano do alunado, consideradas como culturas juvenis contemporâneas. À luz do pensamento de Prensky (2001), “(...) a denominação mais utilizada que eu encontrei para eles (os discentes) é Nativos Digitais. Nossos estudantes de hoje são todos “falantes nativos” da linguagem digital dos computadores, vídeo-games e internet. (...). (Ibidem, p.2)”.

Nesse contexto, deve-se atentar para o pensamento de Saviani (1994, p. 164), “Penso que se antes ocorreu a transferência de funções manuais para as máquinas, o que hoje está ocorrendo é a transferência das próprias operações intelectuais para as máquinas”. Enquanto professores têm que investir na formação continuada e atuar na perspectiva de utilizar as novas tecnologias como ferramentas de ensino-aprendizagem.

Para tanto, nos debruçamos em revisões bibliográficas acerca do uso dos multiletramentos com a tecnologia da informação (Novas Tecnologias) para facilitar a prática docente. O enfoque principal desse Trabalho está direcionado ao uso dos multiletramentos no ensino da Geografia em sala de aula como um processo interdisciplinar que pode facilitar o aprendizado dos discentes.

O ensino, em especial, o de Geografia deve ser tratado como oportunidade para os indivíduos conhecer, se apropriar e agir sobre o espaço. Os espaços geográficos contemporâneos, quase que em sua totalidade, encontram-se “domados” a partir do controle das novas técnicas. Assim, a Escola em seu currículo escolar deve contemplar as demandas que seus atores principais clamam. Deve aproximar e aproximar-se dos acontecimentos ocorrentes para além dos seus muros.

Os conhecimentos a partir dos multiletramentos foram aplicados em duas turmas distintas na mesma escola, 7º ano D e 8º ano C, e o que foi bem mais interessante foram alguns conteúdos trabalhados tiveram algo em comum: O Meio Ambiente. Sendo que na primeira turma trabalhamos os problemas ambientais causados pelo processo de Urbanização e na segunda turma, os problemas ambientais causados por uma sociedade de consumo que não tem uma Educação Ambiental significativa que pense nas gerações futuras.

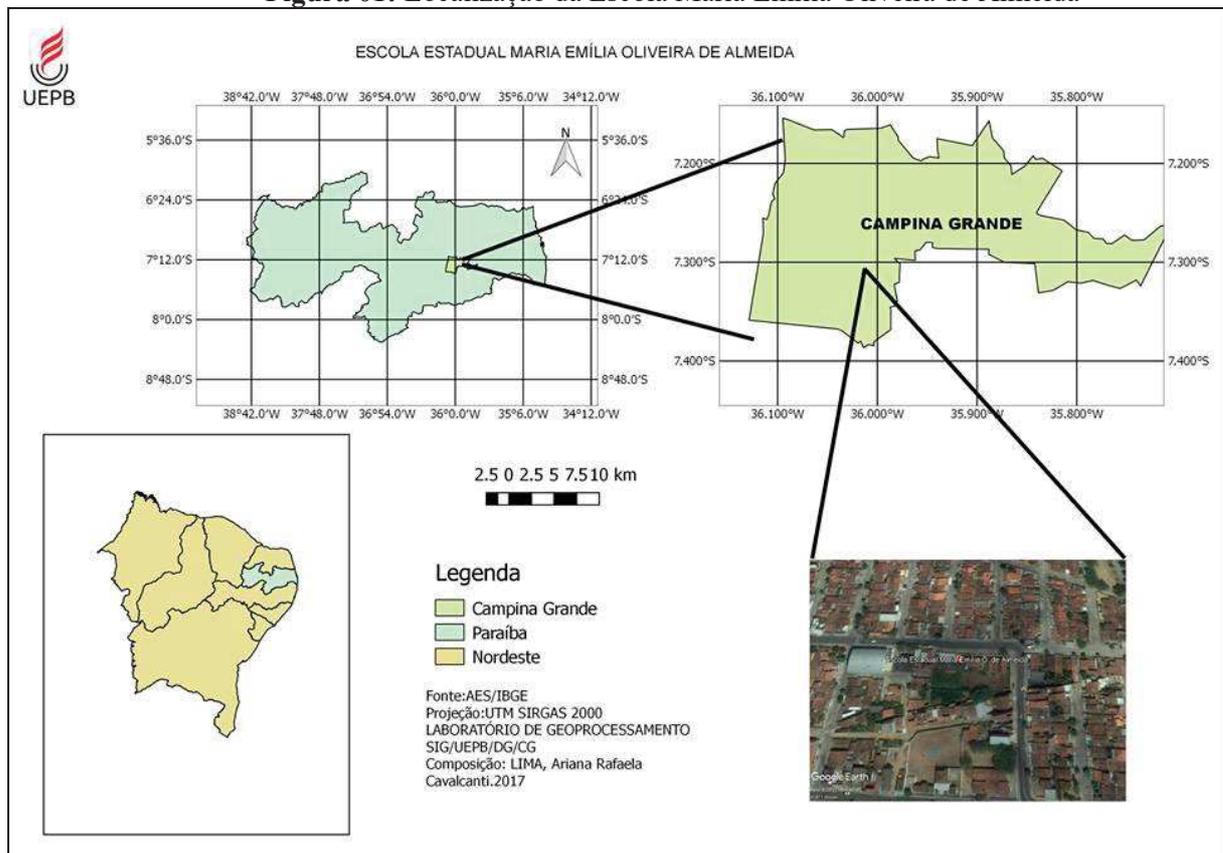
Diante disso, pode-se utilizar dos multiletramentos para trazer os conteúdos para a realidade dos alunos. Portanto, este trabalho está dividido em quatro partes: multiletramentos na educação contemporânea; os multiletramentos como ferramenta interdisciplinar; (Re) conhecendo o Meio Ambiente a partir dos multiletramentos; e resultados e discussões.

2. METODOLOGIA

2.1. Localização e caracterização do espaço da pesquisa

O projeto de intervenção pedagógica ocorreu junto às turmas do 7º ano “D” e 8º “C” da Estadual de Ensino Fundamental Maria Emília Oliveira de Almeida, situada à rua Dr. Francisco Brasileiro, s/n, no bairro do Presidente Médici, zona sul de Campina Grande- PB. (figura 01).

Figura 01: Localização da Escola Maria Emília Oliveira de Almeida



Fonte: FLOR, Jaqueline Malaquias; LIMA, Ariana Rafaela Cavalcanti.

Em parceria com a Universidade Estadual da Paraíba, a escola abriga o subprojeto de Geografia do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID/CAPES/UEPB. Nas suas dependências, funciona o Ensino Fundamental II nos turnos matutino e vespertino, e do Segundo Segmento (Educação de Jovens e Adultos – EJA) no turno Noturno. No mais, esta poderá vir a funcionar também o Ensino Médio Regular e Médio EJA, após a autorização do Conselho Estadual de Educação, como está registrado no Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola.

Segundo dados do PPP, esta foi fundada no dia 11 de outubro de 1979, baseada no Decreto Estadual nº 18.069 de dezembro de 1995, sendo seu registro, primeiramente feito sob a gestão da interventora Antônia Amâncio e, em seguida, pela gestora Maria Madalena Alves Veras.

Conforme registros no PPP da escola, a sua estrutura se divide de acordo com a figura 02. Sobre a quantidade de turmas na mesma (figura 03); Equipe de Funcionários (figura 04). E por fim, a Equipe Gestora (figura 05).

Figura 02: Estrutura física da Escola

ESPECIFICAÇÃO	QUANTIDADE
Direção	01
Secretaria	01
Sala dos Professores	01
Laboratório de Informática	01
Biblioteca (espaço inadequado, improvisado para esse fim)	01
Sala de aula	09
Cozinha	01
Depósito de Merenda	01
Banheiro	04
Refeitório (sala de aula adaptada)	01
Sala de multimídia (sala de aula adaptada para o funcionamento de oficinas do “Mais Educação”)	01
TOTAL	22

Fonte: Projeto Político Pedagógico.

Figura 03: Quantidade de turmas

ANO/SÉRIE	QUANTIDADE DE TURMAS
1ª FASE	-
2ª FASE	12
EJA	04
TOTAL	16

Fonte: Projeto Político Pedagógico.

Figura 04: Equipe de funcionários

FUNÇÃO	GRAU DE ESCOLARIDADE	QUANTIDADE
Secretária	Médio	01
Serviços Gerais	Fundamental incompleto	03
Serviços Gerais	Superior	01
Auxiliar de Secretaria	Superior completo	03
Porteiro	Fundamental incompleto	02
Bibliotecário	Médio	01
Merendeira	Fundamental incompleto	04
Inspetor	Fundamental	01
Inspetor	Médio	03
Inspetor	Superior	01
Supervisora	Pós-Graduação	01
Psicóloga	Superior	01
Lab. de Informática	Superior	01
Vigia	Médio	02
TOTAL		25

Fonte: Projeto Político Pedagógico

Figura 05: Equipe Gestora

GESTOR – Denize Maria do Nascimento Sousa
VICE-GESTOR – Maria de Fátima Figueiredo Brasileiro
SECRETÁRIA – Cibele Lucena Silva
SUPERVISORA – Maria das Graças Ferreira de Lima
PSICÓLOGA - Magnólia Sandra Maciel da Silva

Fonte: Projeto Político Pedagógico

Sobre as turmas escolhidas para aplicação do Projeto de Intervenção, seguem algumas informações:

Turma do 7º ano “D”, 2016

Com 20 alunos matriculados, com faixa etária de 11 a 13 anos, 18 estavam presentes durante a aplicação do questionário, no qual se perguntou onde eles moravam e a resposta foi que alguns moravam no bairro da própria escola, Presidente Médici, outros no Velame, Cruzeiro, Três Irmãs e Santa Cruz. Destes, 16 (dezesesseis) responderam que vem a pé, 1 (um) de moto, e 1 (um) de ônibus.

Sobre o questionamento a respeito de sugestões que tinham a fazer, a resposta foi sair da sala de aula, assistir filmes, passeio por lugares, aulas de campo, maquetes, novas atividades, visitas a museus, atividades dinâmicas, passear para a disciplina ficar legal, passeio no shopping; apenas um dos alunos não quis dar sua opinião. A partir dessas respostas foi elaborada uma aula de campo (figura 06), para que eles pudessem (re) conhecer o lugar e as paisagens que estavam continuamente inseridos. Neste dia, fomos contemplados com a participação da também bolsista do PIBID, Vanessa Vasconcelos da Silva.

Figura 06: Turma 7º Ano “D” em frente à E. E. de E. F. Maria Emília Oliveira de Almeida



Fonte: Arquivo pessoal do 7º Ano “D”

O perfil desta turma (7º Ano “D”) é de adolescentes que se engajaram em todas as atividades propostas durante o período que passamos com eles aplicando as intervenções, sendo que não foi apenas este tema que trabalhamos, mas outros, tais como a Região Nordeste.

Turma do 8º ano “C”, 2017

O primeiro momento da intervenção na turma foi marcado por aplicação de um questionário. A turma escolhida no ano 2017.1 foi a do 8º Ano C, do turno da Manhã, com 20 alunos, numa faixa etária entre 13-17 anos, durante a aula de Geografia, onde é implantado o Projeto de Iniciação à Docência – PIBID/CAPES/UEPB. Neste dia, só estavam em sala apenas 18 alunos que se dispuseram a responder o questionário. A partir da coleta de dados desses questionários, foram elaborados gráficos no programa Excel e postado no Blog do PIBID com os resultados alcançados. No decorrer das aulas nesta turma, foram usados métodos que pudessem melhorar o aprendizado dos discentes, e a partir daí eles se sentiram a vontade para apresentar suas atividades uns aos outros (figura 07).

Figura 07: Turma 8º Ano “C” na sala de aula - E. E. de E. F. Maria Emília Oliveira de Almeida



Fonte: Arquivo pessoal do 8º Ano “C”

O perfil desta turma é de alunos bem dispersos, sendo que foi necessário tentar conquistar a atenção deles e até mesmo formar um vínculo de amizade, mas por fim, surtiu

uma resposta positiva. Através da figura 07 visualiza-se o aluno Vinícius Amorim Oliveira (14 anos) apresentando para a turma uma pesquisa sobre o tema Sustentabilidade.

2.2. Métodos e Técnicas

O método utilizado neste estudo é o fenomenológico, estudando o conjunto de fenômenos e as manifestações culturais ocorridas através do tempo e do espaço, tendo como ponto de partida as percepções vistas do mundo. Para Demo (1995), a fenomenologia é uma postura que destaca-se pela modéstia do respeito à realidade social, sempre mais abundante que os segmentos de captação, tentando compreender a realidade social em sua intimidade, reconhecendo como algo que existe, irredutível à realidade natural.

De acordo com Moreira *apud* Abílio e Sato (2012, p.38), “o termo Fenomenologia, deriva de duas palavras de raiz gregas: *Phainomenon* (aquilo que se mostra a partir de si mesmo) e *logos* (ciência ou estudo)”. Logo, a etimologia da palavra Fenomenologia é o estudo ou a ciência do fenômeno, podendo-se entender que esse fenômeno pode ocorrer entre o ambiente e o sujeito, ocorrendo assim, entre eles um lugar de encontro, que pode ser compartilhado, podendo ser considerado como o “lugar” em que o fenômeno acontece ou pode acontecer.

Segundo Triviños (1987), a fenomenologia de Husserl, teve grande influência na filosofia contemporânea, na qual correntes do pensamento que foram, de modo extraordinário, populares nos tempos de pós Segunda Guerra Mundial, como o existencialismo, se inspirou na fonte fenomenológica. Segundo o mesmo autor, a ideia fundamental deste estudo é a noção de intencionalidade, em que esta é da consciência que sempre está dirigida a um objeto, reconhecendo a teoria que não existe objeto sem sujeito.

A fenomenologia é o estudo das essências, sendo que todos os problemas, segundo esta, tornam a definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência; porém ao mesmo tempo, ela é uma filosofia que substitui as essências na existência e não pensa que haja possibilidade de entender homem e o mundo de outra forma que não seja a partir de sua “facticidade”. Para este autor, a fenomenologia também pode ser considerada como o ensaio de uma descrição direta de nossa experiência semelhante como ela é, sem haver consideração com sua gênese psicológica e com as explanações casuais que o sábio, o historiador ou o sociólogo podem conceder dela.

Triviños ainda afirma que: “O método fenomenológico parte da idéia da necessidade de ter um conhecimento indubitável ou possível, ainda que, de ‘início, não nos é permitido

adquirir conhecimento algum como conhecimento” (1987, p. 43), no qual o mesmo relata que para Husserl, não há conteúdos da consciência, mas exclusivamente fenômenos. Em suma, o mesmo descreve este método como o que estuda a realidade com o desejo de descrevê-la, de apresentá-la assim como ela é, em sua experiência pura, sem a finalidade de iniciar modificações imprescindíveis nela.

Para a execução deste Trabalho foram utilizados nas perspectivas do método pesquisa-ação e análises fenomenológicas, materializadas a partir do desenvolvimento das intervenções didático-pedagógicas feitas nas aulas de Geografia, a partir das ações do Subprojeto Geografia, integrante do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, no período de agosto de 2016 à agosto de 2017.

Antes de serem iniciadas as atividades do subprojeto na Escola, os alunos foram convidados a responderem a um questionário (apêndice 01 e 02) que serviram de base para o conhecimento das turmas, suas necessidades, impressões acerca do ensino de Geografia e sugestões para melhoria das aulas da disciplina, sendo que segundo Cavalcanti (2013, p. 73), “Esses tipos de enquetes podem resultar em material de trabalho em sala com o objetivo de desenvolvimento de habilidades de tratamentos de informações, com mapeamento ou organização em gráficos e tabelas”. No mais, segundo a mesma autora, tanto questionários quanto entrevistas fornecem um levantamento de características e informações sobre os entrevistados, e podem resultar em material de trabalho para desenvolver pesquisas e assim obter resultados significativos sobre determinados temas.

De posse dos resultados dos questionários, foram planejadas as intervenções, que foram realizadas a partir da inserção dos multiletramentos como ferramenta interdisciplinar nas aulas de Geografia, com o intuito de construir, juntamente com os alunos, aulas mais produtivas do ponto de vista destes conseguirem compreender o ensino de Geografia em sua essência e significado. Dessa forma, respeitando-se os conteúdos propostos no currículo das turmas, foram utilizadas diversas formas de multiletramentos, em consonância com os objetivos propostos para cada conteúdo trabalhado, de forma a atribuir significado à Geografia escolar.

3. MULTILETRAMENTOS NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA

Os multiletramentos podem ser caracterizados como as diversas formas que o professor pode ministrar suas aulas, de maneira dinâmica, podendo ser feito a partir da utilização de imagens, músicas, jogos, tecnologias de informação, dentre outras ferramentas de ensino que levem os alunos a aprender de forma crítica e com maior facilidade, tendo a

principal características em que os discentes possam enxergar a paisagem e o lugar em que vivenciam de maneira diferente, e com mais significado.

Como Rojo (2012, p. 11) vem esclarecer, trabalhar com multiletramentos pode ou não envolver (normalmente envolverá) “o uso de novas tecnologias de comunicação e de informação”; isso não significa que seu uso seja exclusivamente com o uso de tecnologia, pois se esta for usada sem propósito, pode se tornar tradicional e sem resultados.

A referida autora ainda questiona: “Por que propor uma pedagogia dos multiletramentos?”, ressaltando que esse processo se deu em 1996, afirmada pela primeira vez em um manifesto resultante de um colóquio do Grupo de Nova Londres, onde um grupo de pesquisadores dos letramentos se reuniu, e após uma semana de discussões, publicou um manifesto intitulado *A pedagogy of Multiliteracies*, ou seja, uma pedagogia dos multiletramentos (p. 11).

Canclini (2008) *apud* Rojo (2012) afirma que a multiplicidade de culturas está voltada para produções culturais letradas em efetiva circulação social, como um conjunto de textos híbridos de diferentes letramentos, de diferentes campos. Assim, imagens, vídeos, animações, textos digitais, músicas, entre outros podem ser utilizadas como recursos didático-pedagógicos no ensino de Geografia.

Rojo (2012, p. 21) ressalta que “modos ou semioses nos textos em circulação, sejam impressos, seja em mídias audiovisuais, digitais ou não” são características contemporâneas que utilizam de multiletramentos exigindo capacidades e práticas de compreensão e produção. Pode-se utilizar também segundo a mesma autora, ‘hipertextos’ e “hipermídias” como funcionamento desses novos textos que requerem novos letramentos, adquirindo o caráter “multi”. À luz do pensamento de Lemke (2010) *apud* Rojo (2010):

Agora, a aprendizagem muda. Em vez de sermos prisioneiros de autores de livros-texto e de suas prioridades, escopos e seqüência, somos agentes livres que podem encontrar mais sobre um assunto que os autores sintetizam, ou encontram interpretações alternativas que eles não mencionam (ou com a qual concordam ou até mesmo consideram moral ou científico). [...]. Podemos aprender como tivéssemos acesso a todos esses textos e como se tivéssemos um especialista que pudesse nos indicar a maioria das referências entre tais textos. Temos agora que aprender a realizar formas mais complexas de julgamento e ganhamos muita prática fazendo isso (Ibidem, p. 21).

Então, como funcionam os multiletramentos? Rojo (1994, p. 23) responde de forma sucinta: são unânimes e possuem características bem importantes, como por exemplo, serem

interativos, usando máquinas, ferramentas, ideias, textos (verbais ou não), são híbridos, fronteiriços, mestiços (de linguagens, modos, mídias e culturas).

Relata ainda a autora que o melhor lugar para eles existirem é “nas nuvens”, ou seja, ligados ao termo “Internet”, uma vez que se apresentam em estrutura e formato de redes (hipertextos, hiperlinks); e dando também lugar para mídias digitais, como o uso do computador, do celular e da TV possibilitando a criação de textos, vídeos, músicas, ferramentas permitindo, assim, a colaboração, a interação e a apropriação dos ditos “bens materiais” da cultura, o ideal é que tudo funcione nas nuvens, pois nas nuvens nada é de ninguém – tudo é nosso.

Sobre o seu uso, Rojo (2012) aponta vieses bem interessantes, pois como nossos alunos já lidam com novos dispositivos, tecnologias e ferramentas. Por que não incluí-los na sala de aula disciplinando o seu uso? Em vez de proibir o uso de celular em sala de aula, pode-se utilizá-los algumas vezes para comunicação, navegação na internet, pesquisa, filmagem, fotografia e mesmo incentivá-los a fazer o uso de tecnologias de informação para o seu próprio crescimento intelectual. Segundo Lemke (2010) *apud* Rojo (2012, p. 26), “precisamos pensar em como as novas tecnologias da informação podem transformar nossos hábitos institucionais de ensinar e aprender”.

A presença das tecnologias digitais na nossa cultura é vista como uma forma de criação de novas possibilidades de expressão e comunicação. Na contemporaneidade, essa cultura está cada dia mais presente no cotidiano e no imaginário juvenil, surgindo possibilidades e oportunidades de introduzir em sala de aula o uso de imagens, de som, de animação, dentre outros recursos

Desta forma, novos letramentos são válidos na mediação para construção de conhecimentos e emancipação dos indivíduos, pois os Multiletramentos passaram a ser objetos de discussão, com a finalidade do futuro das práticas pedagógicas que ocorreram no decorrer das mudanças advindas com o processo de globalização e do crescente avanço das Tecnologias de Comunicação e Informação (TCI).

Conforme Barbosa, Araújo e Aragão (2016, p.10),

O termo Multiletramentos surgiu a partir das discussões do New London Group a respeito do futuro das práticas pedagógicas em relação às mudanças sociais e culturais resultantes dos efeitos da globalização e do crescente avanço das TCI. Esse cenário gera demandas por novos letramentos, que vão além das habilidades de ler e escrever, e, ainda, não ficam restritos ao campo das linguagens, mas envolvem o domínio e a capacidade de desempenhar diferentes habilidades e competências, adentrando, cada vez mais, os contextos sociais, políticos e culturais, portanto, não mais restritos ao âmbito educacional.

Observando que os temas da Geografia fazem parte do nosso cotidiano, não sendo estes percebidos e aprendidos apenas no âmbito escolar, os indivíduos em sua dinâmica cotidiana constroem conceitos sobre os fenômenos geográficos experienciados. Corroborando com Moreira (2007, p. 56), “todos moramos em um lugar e temos familiares e amigos que moram em outros lugares; sendo diferentes lugares, são ligados por ruas, avenidas, estradas”. Uma combinação de lugares tece uma unidade de espaço, o espaço geográfico, que consiste no espaço de existência humana. Este como sendo o espaço em que o indivíduo atua, seja de forma direta ou indireta, pode ser utilizado como mediador na construção de conhecimentos científicos.

De acordo com Andrade (2008, p. 179,) a Geografia Humanística enfatiza que com o crescimento desordenado e os custos sociais advindos do Capitalismo que começaram a surgir a partir do final da década de 1960 e no início da de 1970, ficando evidenciado que esse crescimento não beneficiou os países subdesenvolvidos, mas, sobretudo aos desenvolvidos, onde com o uso cada vez maior de tecnologias avançadas aumentam as riquezas das grandes empresas, não importando para tais que esse “desenvolvimento” possa destruir e degradar o Meio Ambiente.

De acordo com Cavalcanti (2013), o ensino de cidade no sentido de percepções e vivências cotidianas, fornecendo elementos fundamentados e teorias para que, assim, seja possível refletir e compreender esse espaço bem além da forma física, mas como materialização de modos de vidas, ou mesmo como uma forma de “pertencimento” do lugar em que são compartilhados espaços públicos e práticas fundamentais para a vivência nas cidades, pois conforme a supracitada autora relata que “Os estudos urbanos pela Geografia têm ajudado a compreender que a sociedade urbana se constitui com elementos do privado, do familiar, de um lado, e do público, onde se dá a vida social, a troca coletiva, de outro” (CAVALCANTI, 2013, p.77).

A paisagem tem uma conceituação como sendo tudo aquilo que nós vemos, o que a nossa visão alcança, ou mesmo, o domínio do visível, podendo ser formada não apenas por volumes, mas também por cores, movimentos, odores, sons, ou seja, “paisagem é o conjunto das coisas que se dão diretamente aos nossos sentidos” (SANTOS, 1988, p. 61).

Para que possa haver uma compreensão dos territórios, podem-se planejar uma forma de explorar ou aproveitar as práticas dos jovens de viver a cidade, de circular, ou mesmo de caminhar por ela, aproveitando assim, o percurso casa-escola para estudar esse fenômeno, incluindo atividades como aulas de campo no próprio bairro e os levando a ter uma visão

crítica sobre as paisagens de seus lugares, para que enfim possam compreender o movimento, sua apropriação e, sobretudo os processos de identificação (Cavalcanti, 2013, p.75).

A partir daí, ainda conforme Cavalcanti (op.cit), o professor pode levar os alunos a ficarem atentos a observarem elementos da paisagem, analisando suas formas, aprendendo seu conteúdo, e os colocando em alerta de sentidos, como visão, audição, tato, olfato, paladar; e assim imaginar a vida que dá ânimo a essa espacialidade, pois por meio de observações e compreensão dessas formas podem levar a caminhos de análises do espaço.

Diante do exposto, o professor (a) pode atuar como mediador entre os conhecimentos cognitivos dos discentes e a Geografia Escolar, conteúdos propostos no currículo escolar. Assim, poderá proporcionar uma aproximação e maior compreensão do geográfico, aonde estes trafegam cotidianamente e, muitas vezes, não o percebem, uma vez que não adquiriram ainda uma compreensão crítica, como poderemos ver nos tópicos sobre as discussões e resultados nas duas turmas escolhidas para as intervenções.

4. OS MULTILETRAMENTOS COMO FERRAMENTA INTERDISCIPLINAR

4.1 Geografia e Interdisciplinaridade: breve explanação

Falar de Geografia e interdisciplinaridade não se pode deixar de mencionar dois grandes nomes da Geografia clássica, estudiosos que foram precursores da chamada ciência geográfica, Alexandre Von Humboldt e Karl Ritter. O primeiro, geólogo e botânico, grande naturalista e viajante alemão, no século XIX, sendo ele elaborador de pesquisas em suas viagens sobre vegetação e clima, sistemas de exploração de terras pelo homem e como estes utilizavam os recursos disponíveis da época. Já o segundo tinha formação em Filosofia e também em História, iniciou um processo de comparação entre povos, instituições e recursos para estudar a organização do espaço geográfico (ANDRADE, 2008, p. 19).

De acordo com Humboldt *apud* Moraes (1999, p. 16), “a causalidade introduz a unidade entre o mundo sensível e o mundo do intelecto”. Afirma que o geógrafo deveria contemplar a paisagem de forma quase estética, sendo que ela causaria uma impressão a quem a observa, que aliada dos elementos que a compõe e filtrada por raciocínio lógico, levaria à explicação das casualidades contidas na paisagem observada.

Karl Ritter dedicou seus estudos, principalmente, a Geografia dos lugares. Tinha sua proposta arraigada na ideologia religiosa, colocando a ciência como uma forma de relação entre o homem e o “criador”. Para que houvesse um melhoramento das ações dos homens

propunha um meio de aproximação da divindade, pois ele acreditava na predestinação dos lugares, colocando o homem como o sujeito da natureza, ou seja, a Geografia de Ritter caminhou na perspectiva regional e antropocêntrica.

Esse novo modelo de ver a Geografia no mundo deu uma difusão ao processo interdisciplinar, mesmo que não se usasse propriamente esta nomenclatura. Para existir um processo verdadeiramente interdisciplinar, epistemologicamente, tem que ser levado em conta o auxílio de outras ciências sem deixar de lado a ciência em estudo, no caso a Geografia.

Deve-se então haver um entendimento no que se refere à Geografia interagir com diversos ramos do conhecimento, pois em pleno “século da tecnologia”, é preciso existir uma reciprocidade de informações entre ciências diferentes. Por exemplo, o que seria de um geógrafo sem um mínimo de conhecimento de História, pois como ele entenderia o homem na sociedade? Da estatística, como então poderia elaborar pesquisas de dados populacionais? E das Novas Tecnologias, como se inserir no mercado de trabalho? E assim por diante.

A Geografia não pode deixar de utilizar as novas técnicas fornecidas pela Cartografia, a que esteve sempre ligada, pela Estatística e Informática sabendo-se que o geógrafo necessita não só do controle qualitativo do conhecimento da ação da sociedade sobre o espaço, mas também no nível quantitativo da capacidade de sua intervenção e da importância do seu controle (ANDRADE, 2008, p. 26).

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE que, segundo seu próprio site, o define como o “principal provedor de dados e informações do País, atendendo as necessidades dos mais diversos segmentos da sociedade civil, bem como dos órgãos das esferas governamentais federal, estadual e municipal”. Este é uma organização pública responsável pelos dados estatísticos brasileiros, onde é responsável, principalmente, por realizar o censo demográfico reunindo dados como o número de habitantes, o número de homens e mulheres e outros.

O IBGE desenvolve pesquisas que envolvem diversas áreas do conhecimento. Da Cartografia, utilizando estudos e operações relacionadas à elaboração e utilização das cartas (ou mapas) de acordo com determinados sistemas de projeção e uma determinada escala a estudos socioeconômicos e culturais da sociedade. Comprovando a amplitude dessa ciência, Geografia, e a atual relação da mesma com os recursos tecnológicos, os quais se apresentam como ferramentas indispensáveis no processo de pesquisa e efetivação de políticas públicas.

Em meio a inúmeros avanços tecnológicos, as ciências têm aperfeiçoado seus estudos a cada dia, a Geografia sendo, também, uma ciência não poderia ficar de fora, assim como não o faz. A relação da Geografia com a tecnologia ocorre desde os primórdios, a Geografia

surge e ascende acompanhando, estudando e utilizando os aparatos tecnológicos de cada período. Nesse contexto, a Geografia Escolar deve absorver essas demandas sociais, o uso das Novas Tecnologias, trazendo para a sala de aula essas ferramentas e as utilizando como recursos didático-pedagógicos na prática docente (Apêndice 03 e 04).

A inserção das Novas Tecnologias no ambiente escolar, como recursos didáticos, tem sido lenta e muitas vezes inoperante, tanto por falta de equipamentos como por falta de domínio técnico do corpo docente. Isto é um processo de adaptação vivido por muitos professores (as) que não têm acesso ou não procuram, por diversos motivos, desde não terem conhecimentos técnicos até por desmotivação causada por baixos salários e por carga horária exaustiva.

Por meio de avanços científicos, pode-se afirmar que a interdisciplinaridade também atingiu outras ciências, não só a Geografia. Porém, segundo Andrade (2008), o caso desta, a situação se tornou ainda mais grave. Assim, para se melhor conhecer recursos renováveis e não renováveis de que a sociedade dispõe a Geografia mantém contato com Geologia, esta estudando a estrutura da crosta terrestre; com a Pedologia, para estudar os solos; Mineralogia, para conhecer as rochas e minerais que existem e também com a Hidrologia, para realizar estudos sobre as águas. É preciso ainda contato com a Meteorologia, para melhor conhecer o clima e o tempo, pois isto ajuda em estudos sobre problemas ambientais. Também há uma troca de informações com: a Astronomia, a Oceanografia entre outras ciências.

Devido a essa troca de conhecimentos entre ciências afins com a Geografia, houve então o desenvolvimento de áreas de conhecimento geográfico para facilitar ao pesquisador entender melhor as relações entre sociedade e a natureza, porém às vezes isso pode levar a esta ser confundida ou mesmo penetrar em outras ciências, como afirma Andrade:

Como a Geografia é uma ciência que tem relacionamento com uma série de ciências afins, é natural que entre ela e as outras ciências se desenvolvam áreas de conhecimento geográfico, ora como ramos do conhecimento de outras ciências que se tornaram ou tendem a tornar-se novas ciências a serem pragmaticamente catalogadas. Daí a existência da Geomorfologia, entre a Geografia e a Geologia; da Hidrografia, entre a Geografia e a Meteorologia; da Biogeografia, entre a Geografia e a Biologia; da Geohistória, entre a Geografia e a História; da Geopolítica entre a Geografia, a Ciência Política e as Relações Internacionais; da Geoeconomia, entre a Geografia e a Economia Política, etc. (ANDRADE, 2008, p. 26)

Reafirmando com Moraes (1999, p. 19), “A Geografia proposta por Ratzel privilegiou o elemento humano e abriu várias frentes de estudo, valorizando questões referentes à História e ao espaço, [...], além de estudos monográficos das áreas habitadas”. Sendo assim,

para conhecer a humanidade, a Geografia tem ligação com a História, pois esta é a ciência que estuda profundamente a evolução da humanidade no decorrer de milhares de anos. É preciso não haver confusão ao comparar estes ramos do conhecimento com especializações da Geografia como, por exemplo, Geografia Física, Geografia Histórica, Geografia Política, Geografia Econômica, Geografia Humana, entre outras.

Encarar o caráter interdisciplinar da Geografia como um problema é admitir, indevidamente, fragilidade da mesma enquanto ciência. A Geografia tem sua área de atuação, seu objeto de estudo, suas categorias de análises que sustenta sua cientificidade. No ensino de Geografia essa capacidade de interagir e transitar por outras disciplinas que a ciência geográfica apresenta pode ser compreendido numa perspectiva positiva, à medida que, dispõe de um vasto campo de exploração e de possibilidade de construção de conhecimentos.

Geografia e tecnologia caminham juntas, são as novas técnicas que facilitam e potencializa a produção de trabalhos, que, por sua vez contribuem para construção e reconstrução do espaço geográfico. As Novas Tecnologias, especialmente, a Tecnologia da informação tem se inserido rapidamente na dinâmica social. Muitas vezes imprimindo posturas e modalidade de socialização. Além de disseminar a “cultura do novo”, o consumo alienado. Corroborando com Libâneo *et al* (2008),

Com maior ou menor acesso, no entanto, as novas tecnologias da informação e os diferentes meios de comunicação, por exemplo, o rádio, o jornal, a revista, a televisão, o computador, o telefone, o fax e outros estão presentes nos espaços sociais ou incorporados ao cotidiano de vida das pessoas, de maneira que modificam hábitos, costumes e necessidades (Ibidem, p. 67).

A tecnologia tem sido muito desenvolvida no decorrer dos tempos, o que hoje é moderno amanhã será ultrapassado e há um contingente significativo de indivíduos que têm seguido esta tendência, como é o caso da juventude que vive ou busca estar sempre “antenada”. Para Saviani (1994),

A incorporação das novas tecnologias por empresas brasileiras nas atuais circunstâncias, além de pôr em evidência o atraso em que nos encontramos em matéria de educação, terá, espera-se, o papel de acentuar o sentimento de urgência na realização da meta de universalizar a escola básica, a antiga escola primária com o seu currículo já clássico, como ponto de partida para a construção de um sistema educacional unificado em correspondência com as exigências da nova era em que estamos integrados (Ibidem, p. 166).

Analisando o texto em tela, vemos e reafirmamos que a importância das novas tecnologias no cotidiano dos discentes se trata de uma realidade social, de novos hábitos. Trazer essas ferramentas para sala de aula implica em refletir as práticas sociais no espaço

escolar e construir conhecimentos que, além de capacitar para o mercado de trabalho, cada vez mais exigente e competitivo, podem elevar os indivíduos a condição de consumidores ativos de tecnologia, ou seja, que possam sair da condição de alienados, passivos, que só participam como consumidores finais.

Para tanto, enquanto profissionais da educação, os professores devem, sempre que possível, investir na formação continuada e acompanhar as mudanças e o contexto social dos acontecimentos para, assim, intervir de forma significativa e relevante. Segundo Stefanello (2009, p. 20) “A educação escolar mediante o ensino e aprendizagem, ao lado de outras práticas educacionais, destaca-se como instância específica na promoção de ações destinadas a assegurar a formação de cidadãos”.

A Geografia Escolar tem dificuldades de se desprender do formato tradicional de ensino. Mesmo inserindo as novas tecnologias em sala de aula, muitas vezes, faz uso apenas em substituição do quadro e do pincel, de forma enciclopedista, o que não deveria acontecer, pois o professor precisa utilizar a tecnologia para dar aulas produtivas e que tenham resultados satisfatórios para o aprendizado dos alunos.

O que se propõe é o recurso como meio, o professor como orientador e o aluno protagonizando o processo de construção do conhecimento. Emanuel de Martonne *apud* Andrade (2008, p. 21) definiu a Geografia como “a ciência que estuda a distribuição dos fenômenos físicos, biológicos e humanos da superfície da Terra. Esta definição é explanada na sala de aula pelo professor que tenta fazer os discentes compreenderem o espaço em que vivem.

Sendo assim, pode o professor usar na sala de aula a ciência tecnológica para incentivar o aprendizado dos alunos, ensinando a Geografia por meio de computador e datashow, com apresentação de slides e também programas que estão a serviço do conhecimento geográfico, como por exemplo o Google Earth, que mostra o planeta Terra como também a Via Láctea por meio de satélites. Para Pontuschka (2004, p. 261),

A sala de aula é o espaço de aprofundamento de muitas das questões surgidas e documentadas no caderno de pesquisa de campo. O espaço geográfico vai ser mais bem compreendido porque as informações obtidas vão ser analisadas à luz de outros documentos escritos, gráficos e iconográficos.

A Tecnologia da Informação (TI) aliada a Geografia, pode trazer grandes benefícios na sala de aula, sendo este um processo interdisciplinar, pois, como pesquisador, o professor pode usar a mesma como auxílio no planejamento das aulas. Porém, o educador precisa também se especializar na área de Informática, pelo menos o básico, sabendo que os

adolescentes são bem hábeis na hora usar tecnologias, e até surgiram pesquisas sobre o tema, sendo que mostram que jovens estão “hiperconectados” (O Globo).

Os alunos podem utilizar o computador para realização de trabalhos escolares, como ferramenta de pesquisa sobre inumeráveis assuntos e também conhecer como vivem populações de lugares diferentes, compreendendo melhor a ciência geográfica.

Investir teórica e praticamente no ensino escolar, em suas múltiplas facetas, é, pois, investir nas formas de promoção da democracia, da vida, da justiça e da igualdade social, considerando-se seu âmbito peculiar de atuação ao lado de outras instâncias sociais, econômicas, políticas, culturais. (STEFANELLO, 2009, p. 20)

Todavia, o uso da informática em sala de aula, não se resume somente em trabalhos e pesquisas, mas também no uso de vídeos (como o documentário “a Historia das coisas” para trabalhar problemas ambientais), músicas, jogos e brincadeiras, para assim, facilitar o aprendizado da Geografia e levar os alunos a se interessarem em aprender determinado tema. Há muitos documentários que mostram a Geografia na prática, músicas podem ser produzidas em computadores que, quando ouvidas criticamente, levam ao entendimento do assunto abordado. No entanto, isso não pode substituir o papel indispensável do professor que faz seu planejamento para dar uma boa aula.

O professor pode produzir aulas inovadoras, com o uso da TI, no mais, o mesmo não pode deixar que essas aulas com uso de tecnologias se tornem monótonas, pois assim, a aula não terá aproveitamento algum, sendo apenas mais uma aula tradicional. Como afirma Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009, p. 261), “Diante do avanço e da enorme gama de informações disponibilizadas pela mídia e pelas de computadores, é fundamental saber processar e analisar esses dados”.

Vale ressaltar que a interdisciplinaridade no contexto educacional tem como objetivo principal o melhoramento do ensino geográfico na escola, fazendo com que haja um aperfeiçoamento no conhecimento do estudante e uma melhor forma de explanação pelo professor. Isto pode ser visto em uma aula em que o educador usa uma música que é produzida em um computador ligado com um datashow para melhor visualização dos alunos, levando a turma a além de aprender, se divertir dançando e brincando, ou mesmo um filme ou documentário para auxiliar o aprendizado.

Para um professor com uma atitude interdisciplinar e que ensina uma disciplina específica, tendo possibilidade de ser um professor-pesquisador, selecionando os conteúdos, métodos e técnicas para poder trabalhar em sua disciplina e venha este a interagir com professores das demais disciplinas, devendo ser um pesquisador permanente, sendo que para

que o educador trabalhe a interdisciplinaridade em sala de aula, não é necessário que faça apenas em grandes projetos, pois poderá praticá-la entre dois professores ou mais, ou até mesmo sozinho. Para Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007, p. 145),

A Interdisciplinaridade pode criar novos saberes e favorecer uma aproximação maior com a realidade social mediante leituras diversificadas do espaço geográfico e de temas de grande interesse e necessidade para o Brasil e para o mundo.

Pode-se, então, perceber que a interdisciplinaridade é um viés que favorecerá o ensino da Geografia, pelo fato de estar-se no mundo globalizado onde as informações são cada vez mais rápidas. Podendo este fator ser usado na melhoria do ensino desta ciência, sendo, porém, necessário que o indivíduo tenha uma visão holística, para que assim possa haver organização do espaço geográfico, pois dessa forma o mesmo habitará nele, reorganizando-o de forma eficaz.

5. (RE) CONHECENDO O MEIO AMBIENTE A PARTIR DOS MULTILETRAMENTOS

A ciência Geográfica é a única ciência que desde sua formação se propôs a estudar as relações entre o ser humano e o meio natural no planeta Terra. Mas isso não quer dizer que a Geografia é a única ciência que consegue dar conta sozinha de todos os problemas relacionados a conhecimentos do Meio Ambiente, porém que esta tem uma profunda responsabilidade com a temática ambiental, isso desde sua evolução histórica. (MENDONÇA, 2010, p. 22-24).

Ratzel contribuiu de forma significativa para compreender o Meio Ambiente e marcou a história da Geografia, destacou-se no ramo da análise geopolítica, seguiu os passos dos mestres Humboldt e Ritter, segundo Mendonça (2010, p. 25) este produziu uma descrição dos lugares, onde o natural e o humano se apresentavam dissociados, tentando explicar o determinismo dos lugares sobre os homens como forma de abafar a dominação relacionada à cultura. No entanto, segundo Mendonça, no período do nascimento da Geografia Moderna, o ambientalismo era usado para fins de dominação.

De acordo com La Blache *apud* Mendonça “o meio físico nada mais era que um suporte para o desenvolvimento dos grupos humanos” (2010, p. 25-26). Reclus também teve sua contribuição no final do século XIX, pois como afirma Mendonça, este produziu uma

Geografia de cunho ambientalista semelhante à pretendida atualmente, preocupada com o cuidado da natureza.

Em meio a inumeráveis avanços tecnológicos, no qual as ciências têm tido grande desenvolvimento no decorrer desse período, chamado de Meio Técnico-Científico-Informacional (SANTOS, 2009), houve uma profunda interação da ciência e da técnica, chamado por alguns autores de tecnociência, também denominado por este autor, como o período que tem a cara geográfica da globalização, sendo necessário haver uma conscientização por parte da mídia e não podendo aceitar que a sociedade humana se posicione como vítima da natureza.

Para Mendonça (2010, p. 14),

É preciso que a mídia se conscientize de que o desenvolvimento científico e tecnológico atingido pela sociedade humana neste final de século já a livrou da simples condição de vítima a natureza que a condição de submissão completa veio sendo alterada paulatinamente desde a descoberta do fogo e se acelerou bruscamente nos últimos quarenta anos.

Diante do exposto, observa-se que a mídia tem contribuído ao menos para permitir uma boa parte dos homens tenham um contato, nem que seja pequeno, com a temática ambiental, sendo dever de todos da sociedade, principalmente os mais esclarecidos, que tenham mais consciência, pois o que se observa atualmente é uma degradação do Meio Ambiente: rios têm sido transformados em esgoto a céu aberto nos espaços urbanos das cidades, áreas agrícolas sendo contaminadas com agrotóxicos; há poluição das águas, no qual homens e animais têm se servido e adquirido doenças, causando danos a todos os habitantes do planeta.

Ainda segundo Mendonça (2010, p. 25), em meio a evolução do pensamento geográfico que apareceram inúmeros geógrafos que foram de suma importância para as contribuições científicas do Meio Ambiente, como os já citados: Ratzel, que seguiu a linha de pesquisa dos grandes mestres, Humbolt e Ritter; La Blache, que contrapondo-se a Ratzel, propõe a corrente possibilista, sendo marcante a contribuição deste, não somente por fazer este uma abordagem regional, mas por fazer a separação entre elementos físicos-naturais e elementos humanos-sociais das paisagens (p.25), pois como afirma Mendonça, “o meio físico nada mais era que um suporte para o desenvolvimento dos grupos humanos”.

Outro que teve grande relevância nestes estudos foi Emmanuel de Martonne que aprofunda bastante a abordagem dos elementos naturais das paisagens e desenvolve a chamado “Geografia Física” que estuda a temática ambiental no planeta. Reclus, também

deixou um legado no final do século XIX no tocante ao cunho ambientalista, como se pretende realizar no período contemporâneo, tendo este uma atitude louvável, unindo a militância política de cunho marxista a uma suposta ciência que serviu de ponte entre o homem e a natureza.

Posteriormente, com a Globalização das economias capitalistas como também as socialistas, por meio do chamado Imperialismo, as grandes potências capitalistas se sobressaiam entre as dominadas. Com o “desenvolvimento” essa “ponte” tem se tornado cada vez mais distante da realidade daqueles que não têm o poder bélico e econômico, sendo que na direção do progresso, o homem tem degradado o Meio Ambiente de forma considerável, prejudicando ao planeta por completo mesmo que de forma direta ou indireta, e que a realidade é de problemas sociais e principalmente ambientais.

O Meio Ambiente não é objeto de estudo apenas da ciência geográfica, mas de muitas outras, sendo um dos Temas Transversais definidos pelos PCNs, assim como: Ética, Pluridade Cultural, Saúde, Orientação Sexual e Temas Locais. E por isso, movimentos ambientais em prol das questões ambientais têm ocorrido. Uma que vale enfatizar é a realização da Primeira Conferência Mundial do Desenvolvimento e Meio Ambiente, em 1972, em Estocolmo, na Suécia, considerado de grande importância como evento sociopolítico voltados ao tratamento de questões ambientais e tendo uma significância relacionado a comprovação da elevada degradação em que a biosfera já se encontrava (MENDONÇA 2010, p. 46).

Houve uma segunda conferência vinte anos depois, em 1992, no Rio de Janeiro, e neste período de tempo, ocorreram melhorias bem pequenas quanto em termos de qualidade, pois a ação destruidora dos meios de produção capitalistas e em menos grau, os socialistas como afirma Mendonça (2010, p. 47). Nesta nova conferência, a participação dos países foi deplorável.

A temática ambiental no Brasil dentro da Geografia, analisando a percepção natureza e sociedade, aconteceu de forma lenta durante as décadas de 1970 e 1980, tendo a Geografia nesta época, grande influência da escola de Geografia francesa a partir da fundação da Escola de Geografia da USP, em 1934. Mas o que marcou a ciência geográfica no âmbito ambiental no Brasil, foi na promulgação da Constituição Federal de 1988, e então houve uma normatização de determinadas atividades no ramo ambiental (MENDONÇA, 2010, p. 66). Segundo o mesmo autor, a temática ambiental possui uma bibliografia bem vasta e é produzida não só pela Geografia, mas em diversas ciências (p. 75).

Como afirma Albuquerque (2011), a Geografia Escolar no Brasil está dividida em dois períodos; o primeiro período se deu da década de 1830 até a de 1910, momento esse em

que a Geografia é institucionalizada como disciplina no país, acontecendo a partir da criação do Colégio Pedro II, em 1937, e com a obrigação das escolas públicas e privadas seguirem o seu currículo como modelo nacional não só para a disciplina Geografia, mas para todas as outras. O segundo período ocorreu entre 1911 até 1930 foi marcado pela institucionalização de uma Geografia acadêmica no Brasil.

À luz do pensamento de Albuquerque (2011),

O segundo momento abarca o período entre 1911 e a década de 1930. Neste período, assiste-se, pelo menos em parte da produção escolar, à incorporação de aportes teórico-metodológicos e de temas difundidos pela recém-criada Geografia moderna no Brasil e pela pedagogia científica, resultando, inclusive, na institucionalização de uma Geografia acadêmica no país, pois os cursos superiores são criados com a finalidade de formar professores para a escola básica. (2011, p. 21)

Diante do contexto, observou-se que esse período refere-se à Geografia escolar brasileira, também chamada de Geografia Tradicional, mas relatando também que segundo Albuquerque (2011), há trabalhos da disciplina que esses dois períodos são mencionados como sendo denominados como Geografia Tradicional e Geografia Crítica.

A mesma autora ainda ressalta que nos primórdios desse segundo período de Geografia no Brasil, esta não se constituía como uma disciplina (escolar ou acadêmica), sendo que ainda não estava no currículo do ensino básico no país, portanto os conteúdos apenas se caracterizavam por apresentar como um resumo geral de informações sobre a Terra.

Como afirma Rocha (2014, p. 187-188), “sabemos que o sistema educativo serve sempre a determinados interesses concretos”, por outro lado, esse currículo vem ser uma construção cultural, como chamara esse autor, constituindo uma forma de manter organizadas as práticas educativas, ou seja, é uma forma de burocracia administrativa, e que infelizmente, muitos professores deixaram-se “aprisionados” por ele e se tornaram apenas um mero cumpridor dessas políticas curriculares.

De acordo Rocha *apud* Albuquerque (2011, p. 23), “o segundo período foi marcado pela introdução da Geografia moderna, trazida para a escola brasileira por Carlos Miguel Delgado de Carvalho”, onde este era autor de livros didáticos, e divulgava propostas de teor inovador para as práticas escolares da época.

À luz de Albuquerque (2011), este segundo período foi marcado também por grande diversidade de livros, compêndios e manuais escolares que eram publicados no Brasil, e essas publicações tinham de propostas práticas didático-pedagógicas conservadoras e que seguiam

modelos mnemônicos e apoiados pelos ideais dos Institutos Históricos e Geográficos, criados na década de 1930.

Nos anos de 1970, a Geografia escolar moderna tem um maior desenvolvimento, com a implantação dos Estudos Sociais (criado durante a ditadura militar e substituído no ensino básico pelas disciplinas História e Geografia) tendo esta Geografia, um ideal conservador com uma perspectiva pedagógica tecnicista, entrando em declínio a circulação de livros mais conservadores como os autores Aroldo de Azevedo e de Mario de Veiga Cabral e entrando em cena os de autores mais críticos, como os livros de Manuel Correia de Andrade e Ilton Sete (ALBUQUERQUE, 2011, p. 24).

Ainda conforme Albuquerque, a década de 1990 foi marcada por debates que passaram a compor a Geografia Escolar, pois neste tempo houve a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN. Desde a sua publicação até os dias atuais, houve um aumento considerável de publicações de materiais didáticos de Geografia, tendo assim uma melhoria significativa na qualidade dos livros didáticos, passando a serem avaliados pelo Ministério da Educação (MEC) através do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).

Para Pontuschka (2007, p. 38-40), a Geografia enquanto disciplina escolar veio oferecer uma contribuição significativa tanto para os alunos quanto para os professores, pois fornece conhecimentos em múltiplas dimensões da realidade social, natural, e histórica; mesmo que desde o final do século XVIII, esta ciência enfrentava dois problemas: um era a sua ligação com a História e o segundo era a respeito das relações entre a natureza e o homem. No entanto, muitas linguagens que têm sido usadas no período chamado de contemporâneo veem sendo difundidas na sociedade e pouco são aprofundadas nas salas de aula das escolas.

Perante os problemas que têm envolvido a sociedade contemporânea, a educação e o Meio Ambiente mundial e do Brasil, há o crescimento de estudos relacionados à Educação Ambiental (EA), pois como afirmam Abílio e Sato (2012, p. 25), a EA é um campo de atividade e de saber constituído, mundial e nacionalmente, nas últimas décadas do século XX, e esta tem por objetivo, atender a questionamentos relacionados a um conjunto de problemas que são evidentes no meio da sociedade, na educação e no Meio Ambiente, sendo estes também objetos de estudo da ciência geográfica que pesquisa o homem na sociedade como também na natureza.

Diante do exposto, veem-se a necessidade de se ter um envolvimento dos alunos, claro que incentivados pelos professores que são agentes incentivadores do conhecimento, afim que haja uma mudança, mesmo que seja um grande desafio no tocante às mudanças das práticas

escolares, e assim contribuir para uma Educação Ambiental, pois a conscientização é a solução para melhorar problemas ambientais no nosso planeta, nem que seja iniciado com pequenas atitudes, como não jogar um papel de bala no chão ou mesmo em plantar uma pequena árvore.

Para Marcatto (2002, p. 3-4),

A Educação Ambiental é mostrada como ferramenta de gestão dos problemas ambientais [...] deve sempre trabalhar o lado racional e estruturado juntamente com o sensível e de valores, a fim de propiciar oportunidades mais significativas que possam ampliar o interesse, a autoconfiança o engajamento e a participação de indivíduos em promover benefícios sócio-ambientais.

Pode-se então perceber que a Educação Ambiental precisa ser inserida no meio social, principalmente no meio escolar, pois é a partir deste que formará cidadãos críticos e que esta poderá ser usada como instrumento para melhorar problemas ambientais que afetam não só um indivíduo, mas a todos, isso mesmo que seja de forma direta ou indireta.

Diante disto, houve a necessidade de trabalhar em sala de aula os problemas ambientais causados justamente porque os indivíduos não têm uma conscientização do uso do lixo de maneira correta e também percebem a real importância de ser um cidadão que consuma com consciência, ou seja, um cidadão que tenha uma Educação Ambiental significativa, para que assim, com pequenas atitudes no meio social possa se utilizar do termo sustentabilidade, pensando não só em si mesmo, mas nas gerações futuras, pois uma pequena atitude pode trazer muitos efeitos, sejam eles negativos ou positivos.

6. RESULTADOS E DISCUSSÕES

6.1 Intervenção didático-pedagógica na turma do 7º Ano “D”

A Urbanização brasileira enquanto conteúdo proposto para o 7º ano do Ensino Fundamental é um ponto de partida para os alunos conhecerem a realidade em que vivem, partindo do local para o global, pois podem fazer um (re) conhecimento do lugar em que vivem (rua, bairro, cidade).

Embora ainda não percebam esse espaço de forma profunda, passarão a entender com a ajuda indispensável do professor (mediador), as vantagens e desvantagens desse processo de urbanização na cidade, pois como afirma Cavalcanti (2013, p. 82), “a cidade é uma obra, uma criação humana e o espaço-urbano uma construção social, uma produção social”. Deste modo, a mesma autora, ainda afirma que a “cidade é uma escrita sobre a outra e que a paisagem urbana tem um caráter palimpsesto, ou seja, uma obra sobre a outra, no tempo, pois este expressa memória viva de um passado já morto (p.84-85).

A partir daí, pode-se entender que uma aula de campo pode ir bem além do livro didático, com a utilização de estratégias diversas, a exemplo da aula de campo no próprio bairro, levando aos alunos a observarem lugares próximos da escola, de suas casas, pois segundo afirma Moreira (2007, p. 58), “a Geografia pode servir para tornar os homens cidadãos esclarecidos, compreendendo o seu próprio espaço e, posteriormente, o mundo globalizado”.

Utilizando-se dos Multiletramentos em sala de aula podemos ter inúmeros avanços no aprendizado dos alunos, uma vez que “quebrando” a rotina e a monotonia das aulas pode-se inovar e criar novas possibilidades na perspectiva de desenvolver a capacidade intelectual dos alunos e, posteriormente, incentivá-los a produção de conhecimentos a partir do espaço experienciado, e através desta prática, identificar os grupos, os seus problemas e perspectivas, e a partir daí, compreender os territórios de diferentes grupos, ou seja, os lugares que os sujeitos ocupam e se relacionam, pois como afirma Cavalcanti:

Essas preocupações com a compreensão pelos alunos de alguns elementos que estruturam o espaço urbano contemporâneo direcionam o trabalho do professor e colocam diferentes possibilidades para encaminhar as atividades escolares. (2013, p. 72)

O conteúdo base sobre o qual foram utilizadas as estratégias a partir dos Multiletramentos foi a Urbanização brasileira. Para os alunos terem maior familiaridade com os conteúdos, foram ministradas aulas expositivas e utilizadas imagens com fotos da cidade

de Campina Grande, mostrando os diversos lugares e as diversidades de paisagens, comparando-as a outras cidades brasileiras.

Essas informações constituíram ponto crucial para o planejamento da aula de campo a ser realizada nas intermediações do bairro Presidente Médici, no qual a escola está localizada. Mediante as discussões em sala de aula, questionaram-se quais seriam as vantagens e desvantagens do processo de urbanização. Como atividade, a turma foi orientada a observar o percurso casa-escola e, em seguida, destacar os fenômenos apreendidos em mapas mentais, antes e depois da aula de campo, corroborando com André (1989 *apud* NOGUEIRA, 2002):

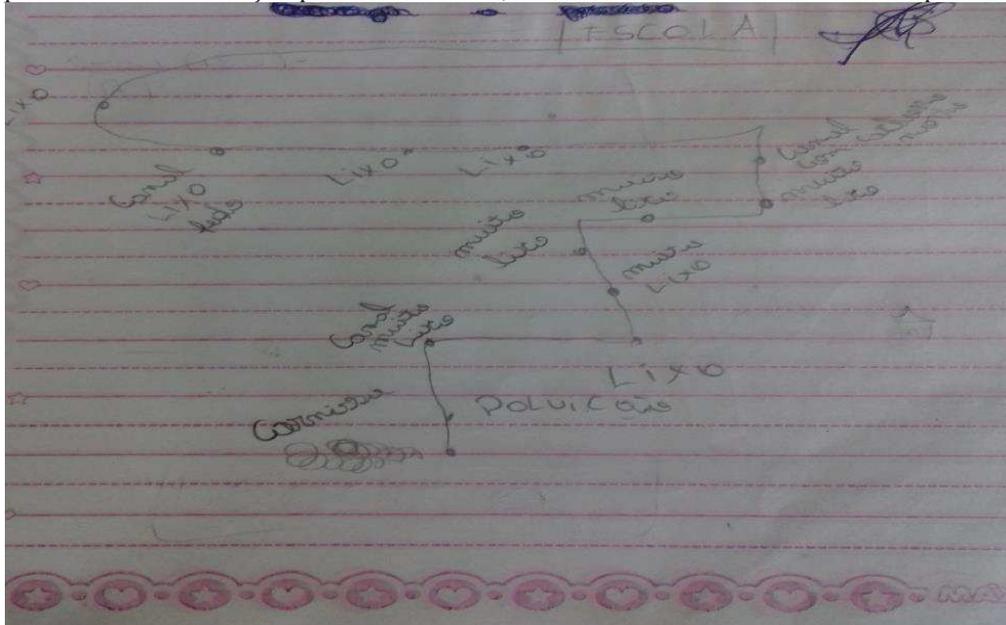
Os mapas mentais são representações do real e são elaborados por um processo no qual se relaciona percepções próprias: visuais auditivas, olfativas, as lembranças, as coisas conscientes e inconscientes, ou mesmo a um pertencer a um grupo social, cultural; assim, mediante e seguida de filtros, nasce uma reconstrução as cartas mentais. (p. 127).

A aula de campo foi desenvolvida com os alunos bastante envolvidos com as atividades, tendo como produto o apontamento pelos alunos dos pontos positivos e negativos do processo de urbanização, observando-se pichações em muros e paredes, esgotos, poluição (visual e sonora), lixo, problemas com acessibilidade nas ruas, abordando também a questão de saúde pública, mediante os problemas ocorridos na cidade, principalmente na periferia (Apêndice 05).

Observou-se que os objetivos foram alcançados na aula de campo, pois é perceptível desde os mapas antes da aula de campo (Figura 08) e os após aula de campo, sendo que a partir da proposta discutida na sala de aula houve progresso, pois eles passaram a pensar de forma mais aprofundada o lugar e as paisagens no percurso casa-escola. Segundo Richter (2011):

O mapa mental é analisado como um recurso que permite a construção de uma expressão gráfica mais livre, tendo a perspectiva de que o estudante possa transpor para essa representação espacial os conteúdos geográficos aprendidos ao longo da educação básica. [...] o aluno terá a oportunidade de apresentar num mapa mental suas interpretações a respeito de um determinado lugar, provenientes de leituras mais científicas da realidade. (Ibidem, p.18).

Figura 08: Mapa mental elaborado antes da aula de campo, representando os problemas causados pelo processo de urbanização próximo a escola, no bairro Presidente Médici - Campina Grande-PB



Fonte: Arquivo pessoal da turma 7º Ano “D”

No mapa mental provisório pode-se observar que o aluno tem uma percepção naturalista do lugar, podendo perceber problemas ambientais causados por lixo deixado nas ruas, gerando assim transtornos ambientais para a população residente nas proximidades. No percurso da aula de campo os alunos tiraram as fotos de tudo que acharam interessante sobre o assunto como: esgoto, lixo, acessibilidades nas calçadas, poluição visual e sonora, lugares vulneráveis a possíveis violências que eles mesmos apontaram nas localidades por onde passamos, entre outros pontos por eles citados. Outrossim, observou-se que o tema foi bem compreendido, pois eles apontaram os problemas sociais que são gerados com o processo de urbanização nas cidades, vendo de perto o que foi estudado em sala.

Na semana posterior da aula de campo, foi aplicada uma atividade e eles fizeram cada um seu mapa mental (Figura 09 e 10) com o olhar do aprendizado; também foi aplicada a letra da música Cidadão (Zé Ramalho), enfocando que a urbanização traz consequências aos cidadãos menos favorecidos economicamente, pois mesmo que trabalhem construindo grandes edifícios, infelizmente não terão condições de ali residirem, sendo protagonistas de um fenômeno conhecido por segregação residencial e social. Para Souza (2003):

Dois grandes conjuntos de problemas, ou duas grandes problemáticas, associam-se fortemente às grandes cidades: a da pobreza e a da segregação residencial. A pobreza, obviamente, nada parece ter de típica ou especificamente urbano, à primeira vista. Sabe-se, inclusive, que a pobreza, nos países do “Terceiro Mundo”, é quase sempre maior no campo que na cidade, pois é nas áreas rurais que percentuais de pobreza absoluta

costumam ser maiores. [...] A segregação residencial é um fenômeno urbano, e da grande cidade muito mais que das pequenas. (p. 82).

Ainda conforme Cavalcanti (2013, p. 90), podemos entender por mapa mental, embora a autora não utilize deste termo, como sendo: “A viagem geográfica é real, empírica, mas também viagem figurada, uma metáfora para deslocamentos do pensamento que leva o sujeito para outro lugar”, sobretudo a mesma dar ênfase que essa viagem depende do trabalho do professor, que faz mediação entre conteúdo e espaço vivido pelos alunos, e também atua como um orientador que tem a função de envolver o aluno, o fazendo contemplar, observar e fazer questionamentos daquilo que se vê, sendo mediados por elementos da emoção e por fim, perceber o sentido real da aula.

Utilizou-se da música Cidadão (Anexo 01) para concluir o tema e, assim, levar aos alunos uma mensagem que pudesse despertar o significado do mesmo e, de forma lúdica, pudessem aprender o tema “Urbanização”, compreendendo o porquê de tantas desigualdades sociais, com muitos com tantas farturas e riquezas e, por outro lado, há não só pessoas mais humildes, financeiramente falando, mas também inúmeros miseráveis no meio da sociedade que não têm nem o básico para sobreviverem, no mais, vivem em profundo esquecimento social.

O que foi levado à discussão foi como o processo de urbanização gera segregação, onde está dividindo as classes sociais em estruturas, ou seja, sua reprodução, e a produção de residências na sociedade capitalista. À luz de Havey *apud* Corrêa (p. 132, 2005), na segunda metade do século XX essa sociedade apresenta três forças básicas que levam a essa divisão de classes sociais, uma é força Primária, que parte da relação entre capital e trabalho, ou seja, uma estrutura dicotomizada de classes; a segunda força é a Residual que por sua vez, tem em sua gênese, formas pretéritas de modos de produção dominante; já a terceira, são as forças derivadas que aparecem devido às necessidades de preservar os processos de acumulação de capital através da tecnologia e mudanças na sociedade.

Diante disto, a segregação tem uma explicação concreta, pois conforme estas três forças, em termos de divisão em grupos, essa fragmentação da sociedade em classe capitalista e proletária, classes que consuma distintamente e também uma classe média que não é de toda homogenia (CORRÊA, p. 132, 2005)

A partir daí, os mapas mentais após aula de campo (Figuras 09 e 10) tiveram um aprofundamento maior, pois os alunos passaram a detalhar mais informações, sendo possível concluir a importância desta atividade para que os próprios discentes conheçam em lugares

que os próprios alunos conhecem, mas não com olhos geográficos, mas como se fossem meras paisagens que eles não observavam tantos problemas ambientais e sociais.

Figura 09: Mapa mental representando os problemas causados pelo processo de urbanização próximo a Escola, no Bairro Presidente Médici – Campina Grande – PB.



Fonte: Arquivo da turma 7º ano “D”.

Pela Figura 09 pode-se observar a percepção da aluna voltada para vários tipos de poluição, como visual e sonora; também teve o sentido crítico relacionado a marcação de pontos onde a aluna (visto que ela mesma se desenhou) percebeu os diversos tipos de problemas ambientais e sociais que foram causados por uma Urbanização sem planejamento.

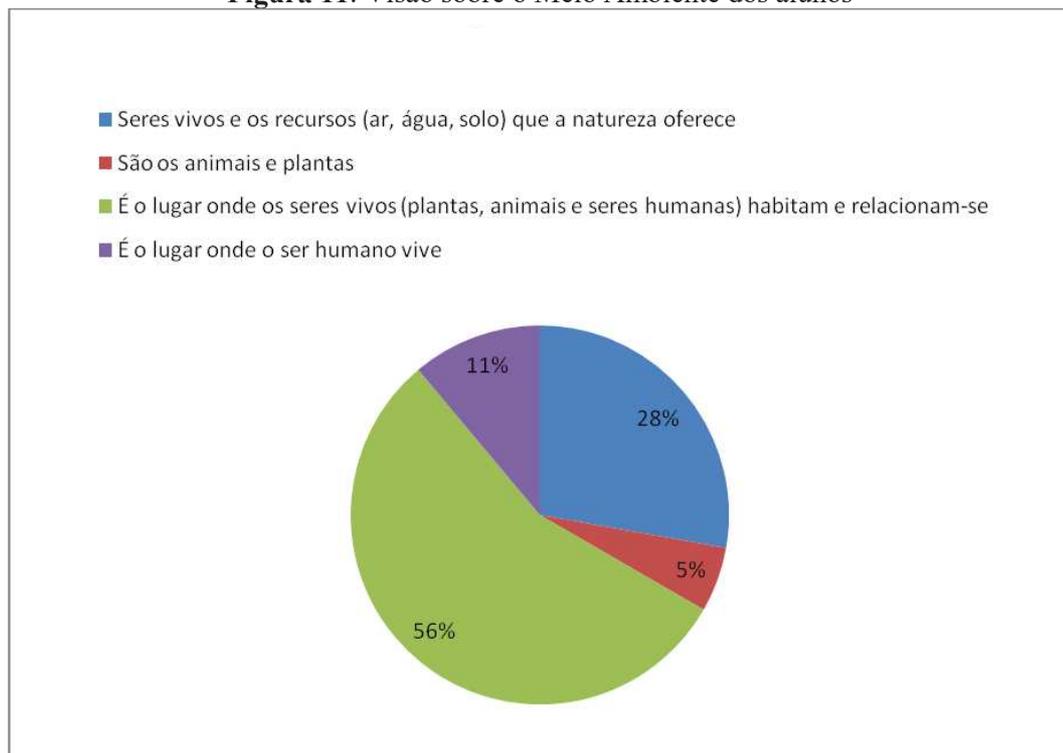
Já no mapa (Figura 10), o aluno que é bem detalhista, e se vê como protagonista de um “reino”, como o mostra com coroa de príncipe, apontando não só os problemas ambientais e sociais, como lixo, esgoto, pichação, buraco nas ruas, ruas sem acessibilidade para deficientes físicos e idosos. No mais, ele aponta o que esses problemas podem gerar a população residente nas proximidades e quais os transtornos para as pessoas que vivem no cotidiano, enfrentando esses problemas sem saber como os resolver. E na maioria das vezes ficam mesmo é à mercê da própria sorte.

a percepção ambiental dos alunos. A turma com 20 discentes, numa faixa etária entre 13-17 anos, neste dia só estavam em presentes em sala de aula apenas 18 alunos que se dispuseram a participar da pesquisa, mesmo que em meio à tensão que estava neste dia na escola.

A partir daí, pode-se trabalhar a temática ambiental de maneira a levar os discentes a pensarem de maneira crítica e passarem a reconhecer o ambiente em que vivem, os incentivando a pensarem que qualquer ação que eles tenham pode ter uma grande importância para o Meio Ambiente, seja uma ação de consumo ou mesmo jogar lixo no lugar impróprio.

A percepção ambiental de cada aluno foi observada mediante a análise dos questionários (Apêndice 02), onde os mesmos em sua maioria (com 56%) apontam como sendo a definição de Meio Ambiente: “É o lugar onde os seres vivos (plantas, animais e seres humanos) habitam e relacionam-se” (Figura 11). Neste gráfico, pode-se observar que mais da metade da turma tem uma noção do que é o Meio Ambiente, um pensamento não apenas naturalista, mas também antropogênico.

Figura 11: Visão sobre o Meio Ambiente dos alunos

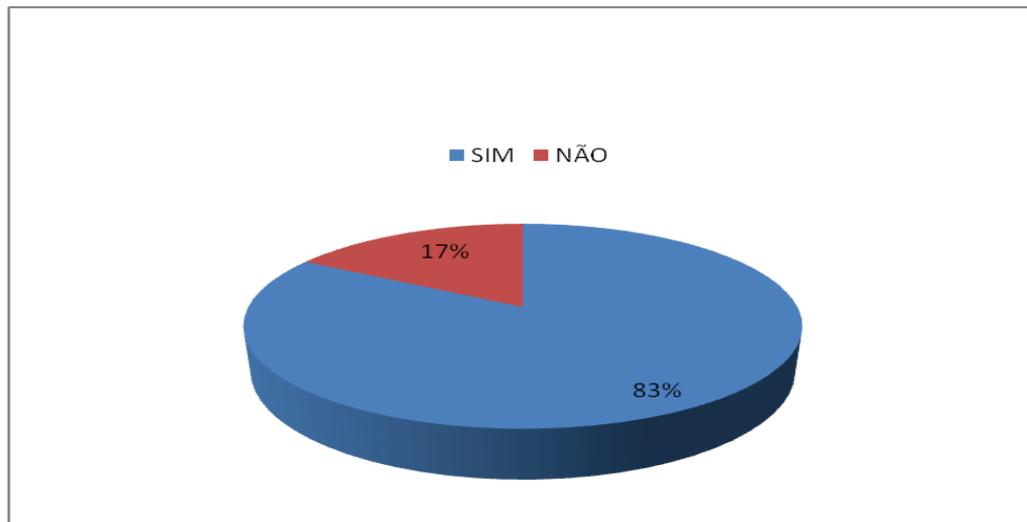


Fonte: LIMA, Ariana Rafaela Cavalcanti.
Março/2017

O segundo questionamento se refere à opinião dos discentes sobre os problemas ambientais existentes na escola. E observou-se por meio deste que há uma percepção sobre a existência desses problemas ambientais, pois os alunos os apontam de maneira bem clara, tais

como: Falta de água (já que no período da aplicação dos questionários havia racionamento de água na cidade de Campina Grande, gerados por causa de uma grande crise hídrica), falta de ambientes arborizados (pois foi derrubada uma árvore que havia em frente a escola por ter esta raízes muito profundas e estava prejudicando a fundação dos muros da escola), outros apontaram lixo, e cerca de 20% não quiseram apontar problemas ambientais (Figuras 12 e 13).

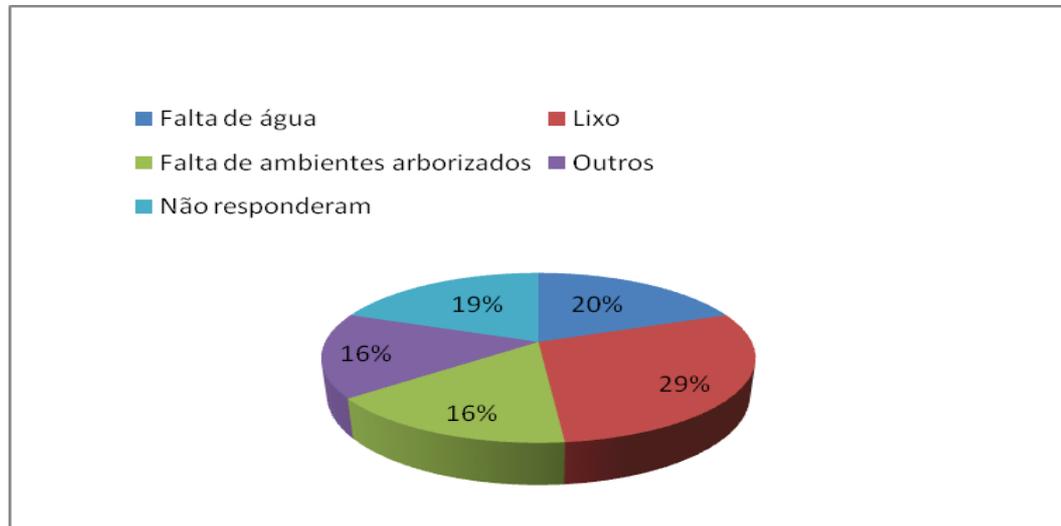
Figura 12: Questionamento sobre a percepção de problemas ambientais na escola pelos alunos



Fonte: LIMA, Ariana Rafaela Cavalcanti.
Março/2017

Em caso afirmativo, sobre os problemas percebidos na escola, os alunos responderam:

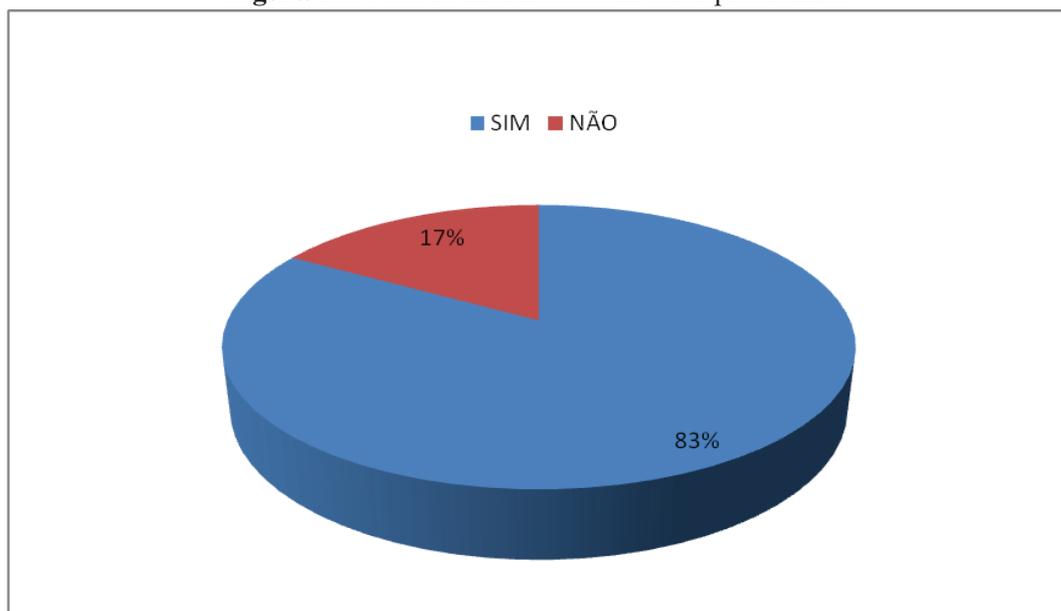
Figura 13: Percepção de problemas ambientais observados na escola pelos alunos que responderam afirmativamente.



Fonte: LIMA, Ariana Rafaela Cavalcanti.
Março/2017

O terceiro questionamento frisava se esses problemas ambientais o incomodavam? . Segue abaixo os resultados obtidos na Figura 14, onde em sua maioria (83%) responderam que esses problemas os incomodam, mostrando que mesmo na conjuntura em que vivem não se acostumaram com essa realidade.

Figura 14: Você se incomoda com esses problemas?

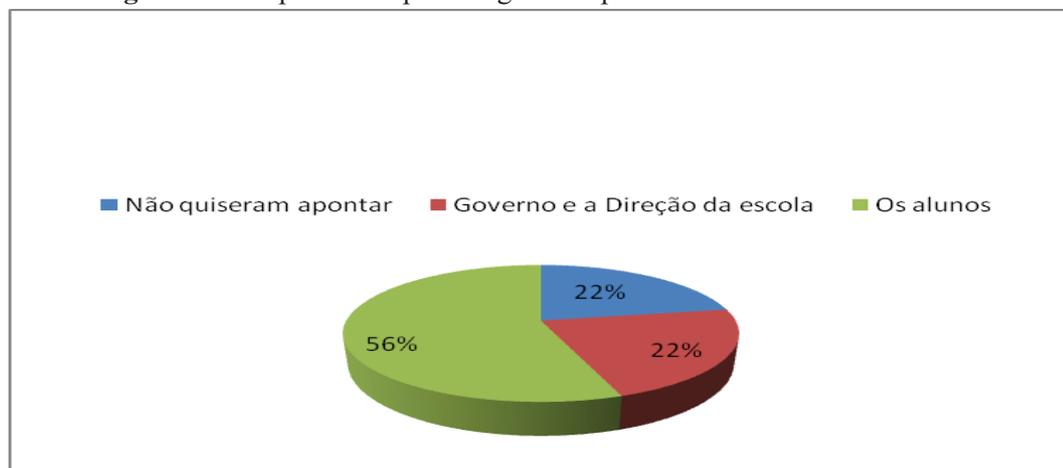


Fonte: LIMA, Ariana Rafaela Cavalcanti.
Março/2017

O quarto questionamento faz referência aos responsáveis pelo surgimento destes problemas ambientais na Escola, onde foi pedido que os alunos apontassem quais seriam os possíveis responsáveis pelo surgimento dos problemas ambientais que eles mesmos observaram. Como mostra na Figura 15, na qual pode-se observar que a maioria (56%) aponta que eles mesmos são os causadores destes problemas.

O quinto questionamento (Figura 16), dá ênfase a quem é o responsável para solucionar esses problemas, tendo contraditório, pois eles não se colocam como responsáveis por solucioná-los, e percebe-se que dão responsabilidade ao Governo, professores, direção da escola, prefeitura, funcionários, menos a eles.

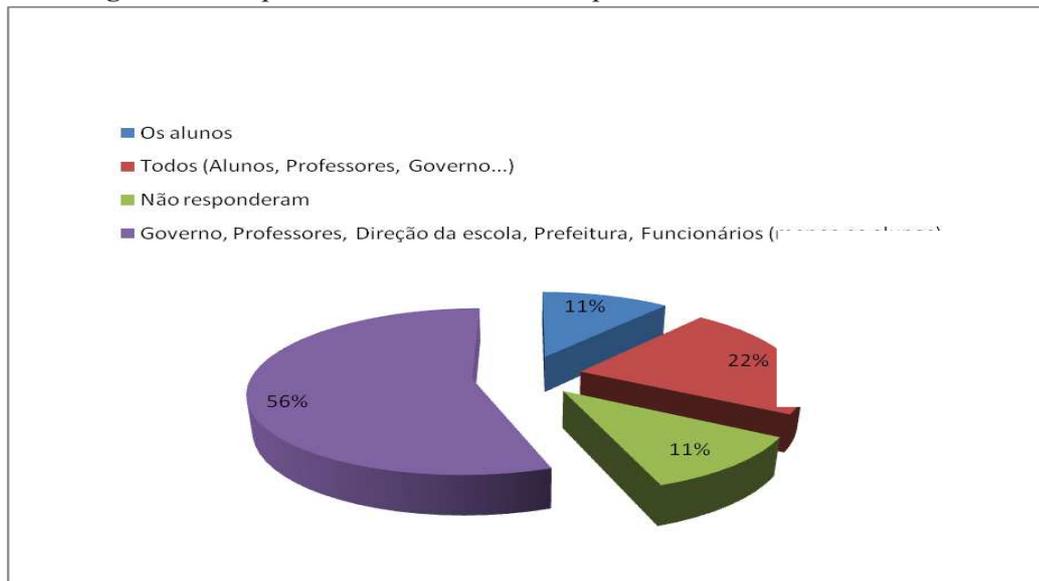
Figura 15: Responsáveis pelo surgimento problemas ambientais na escola.



Fonte: LIMA, Ariana Rafaela Cavalcanti.

Março/2017

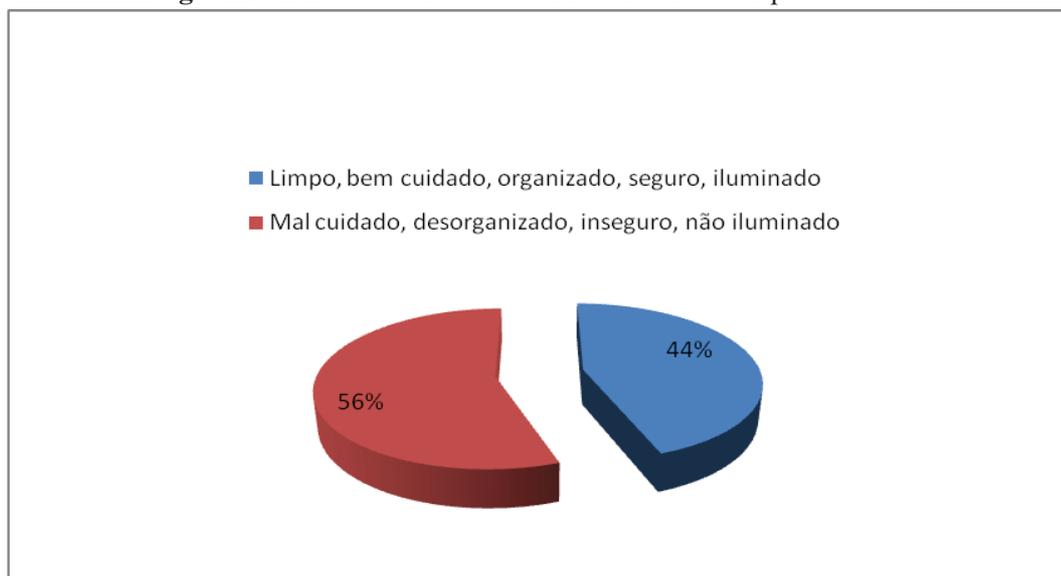
Figura 16: Responsáveis em solucionar os problemas ambientais na escola.



Fonte: LIMA, Ariana Rafaela Cavalcanti.
Março/2017

O sexto questionário refere-se à forma como é visto o ambiente escolar, e por sua vez, observou-se que também 56% dos alunos o colocaram como um ambiente mal cuidado, desorganizado, inseguro e não iluminado, mas por outro, quase a mesma quantidade de alunos (44%) o veem como um ambiente limpo, bem cuidado, organizado, seguro, iluminado. Nesse questionamento houve quase um empate, pois não ficou bem claro qual é a real situação da escola no tocante a esse questionamento.

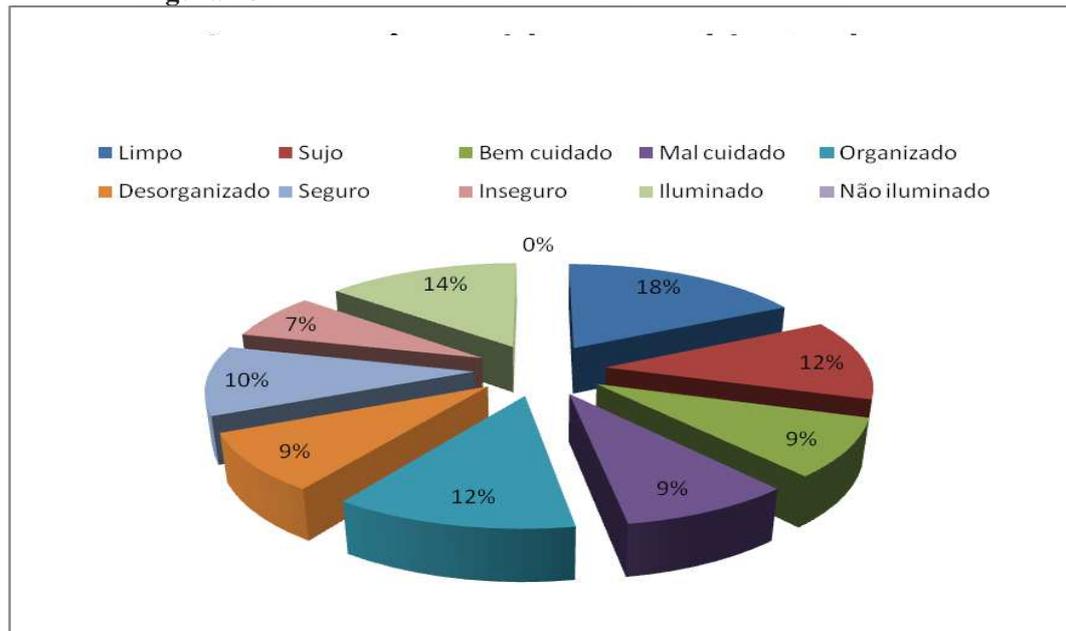
Figura 17: O ambiente escolar na visão dos alunos questionados.



Fonte: LIMA, Ariana Rafaela Cavalcanti.
Março/2017

No sétimo questionamento foi perguntado sobre a visão dos alunos a respeito do ambiente da escola, sendo que ficou bem dividido, onde responderam a respeito de ser o ambiente escolar: Limpo, sujo, bem cuidado, mal cuidado, organizado, desorganizado, seguro, inseguro, iluminado e não iluminado. Mas quem sobressairam foram: Limpo (com 18%), iluminado (14%), organizado (12%) e sujo (12%), havendo um empate nesses itens.

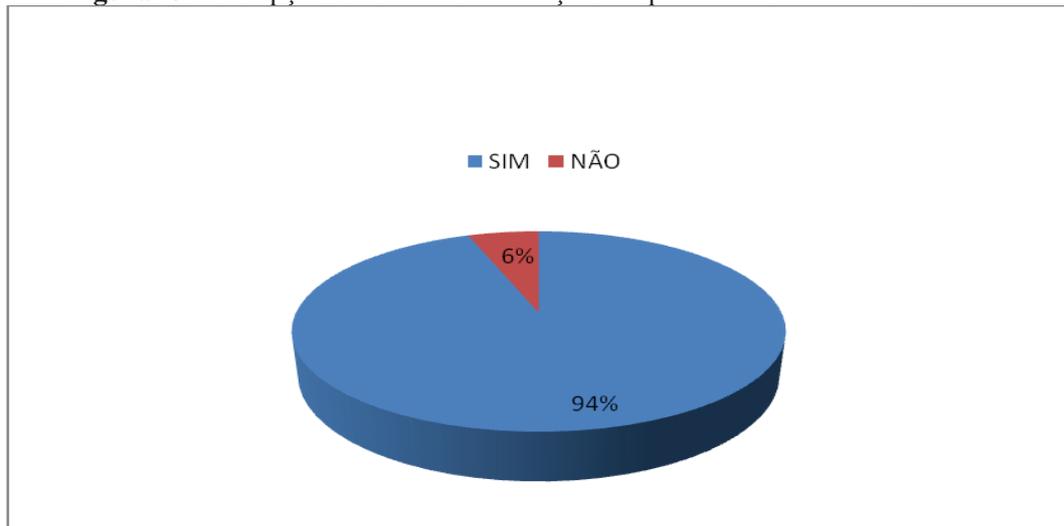
Figura 18: Como os alunos consideram o ambiente escolar.



Fonte: LIMA, Ariana Rafaela Cavalcanti.
Março/2017

Na Figura 19, o questionamento é sobre a percepção de problemas ambientais entorno da escola, esperando responderem baseados na observação do percurso casa-escola, ou mesmo por onde passam em outros bairros na cidade de Campina Grande-PB, na qual são residentes. A resposta foi bem significativa, pois mostrou que eles têm uma percepção ambiental sendo despertada, já que a maioria (94%) respondeu que percebe esses problemas, e não só os perceberam, mas os identificaram e deram opiniões sobre o que seria possível para melhor o ambiente que é, sobretudo de uso coletivo.

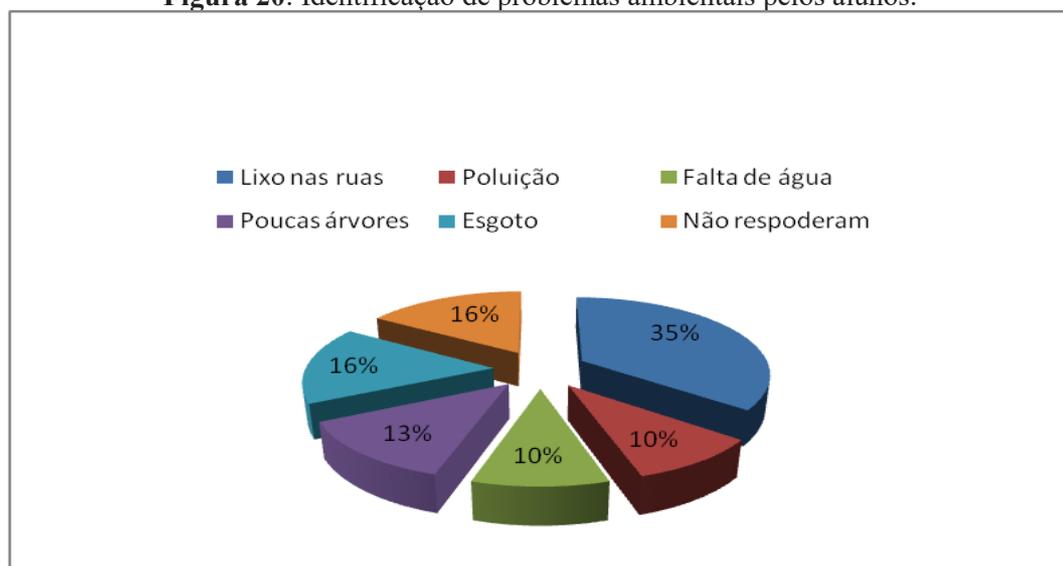
Figura 19: Percepção dos alunos em relação aos problemas ambientais.



Fonte: LIMA, Ariana Rafaela Cavalcanti.
Março/2017

Na próxima figura, perguntou-se sobre a possível identificação de problemas ambientais em torno do lugar em residem e por onde os alunos passam no trajeto casa-escola, e eles foram bem categóricos em apontar lixo nas ruas, poluição, esgoto, a falta de água (como já foi dito que no período da pesquisa, a cidade de Campina Grande estava enfrentando uma grande crise hídrica, o que foi parcialmente resolvido com a Transposição do Rio São Francisco, na qual esta obra não beneficiou apenas esta cidade, mas muitas outras), poucas árvores; e apenas 16% não quiseram responder, não ficando claro se foi por não perceberem esses problemas ou por não quererem mesmo opinar a respeito do tema.

Figura 20: Identificação de problemas ambientais pelos alunos.

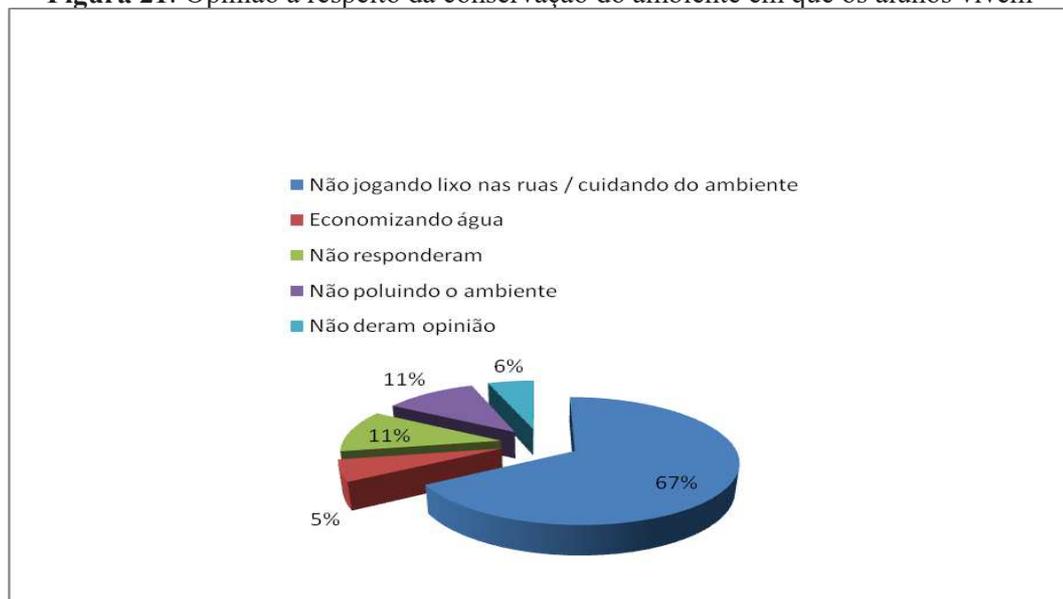


Fonte: LIMA, Ariana Rafaela Cavalcanti.
Março/2017

A respeito do questionamento da Figura 21, percebeu-se que os alunos em sua maioria (67%) afirmaram que para conservar o ambiente em melhores condições para sobrevivência e manter o ambiente sustentável é necessário que se tenha uma visão crítica e que pensem nas futuras gerações, não jogando lixo das ruas e cuidando do Meio Ambiente. Observou-se também que apenas 6% não quiseram opinar, sendo assim, uma quantidade relativamente pequena em relação aos outros percentuais.

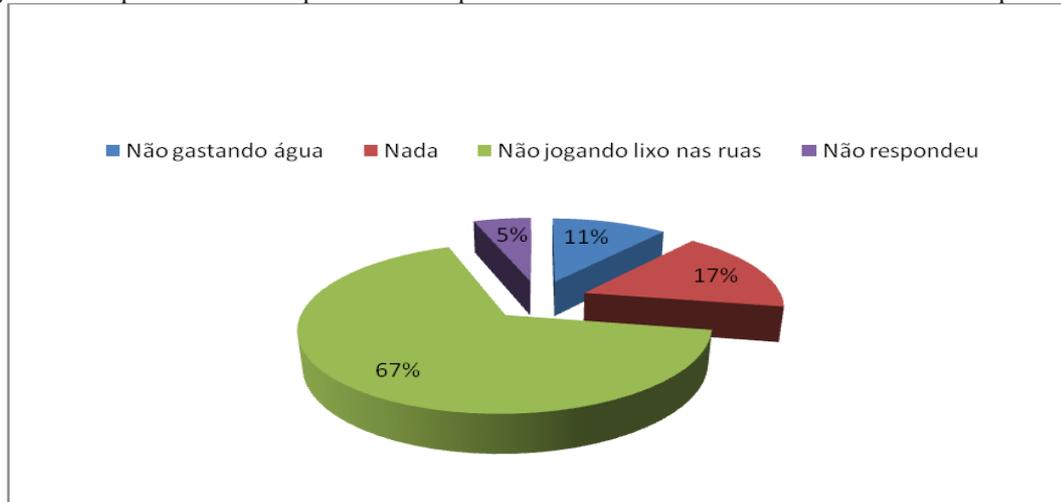
Já na Figura 22, perguntou-se sobre o que eles têm feito para melhorar e/ou conservar o ambiente em que vivem. Esta resposta foi bem parecida do questionamento anterior, sendo que também teve um percentual bem parecido, pois 67% dos alunos entrevistados afirmaram que não jogando lixo nas ruas podem melhorar o meio ambiente em que vivem.

Figura 21: Opinião a respeito da conservação do ambiente em que os alunos vivem



Fonte: LIMA, Ariana Rafaela Cavalcanti.
Março/2017

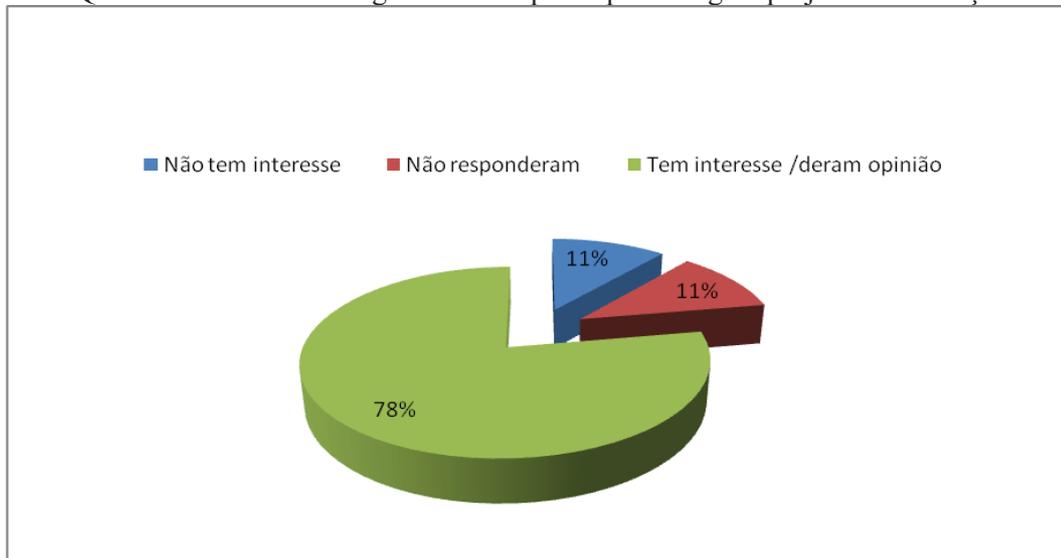
Figura 22: Opinião sobre o que têm feito para conservar e/ou melhorar o ambiente em que vivem



Fonte: LIMA, Ariana Rafaela Cavalcanti.
Março/2017

Por fim, o último questionamento frisava se os discentes gostariam de participar de algum projeto de Educação ambiental, sendo que apenas 11% não responderam e esse mesmo percentual afirmaram não ter interesse, mas 78% deles gostariam sim de participar.

Figura 23: Questionamentos se eles gostariam de participar de algum projeto de Educação Ambiental



Fonte: LIMA, Ariana Rafaela Cavalcanti.
Março/2017

Essa análise acabou sendo a base das aulas sobre o desenvolvimento e a questão ambiental, e trabalhou-se de maneira interdisciplinar, por meio dos multiletramentos, e observou-se resultados positivos nos alunos. O uso de imagens, vídeos e músicas têm também servido de utilidade pública para denunciar agressões contra a natureza e aos problemas causados por uma sociedade consumista, importando é o ter e não a vida.

A música Crazy – Simple Plan – (Anexo 02) foi utilizada no 8º Ano C, por indicação do livro didático utilizado (Geografia- Homem e espaço), para trabalhar a sua letra como forma de fazer uma crítica ao Capitalismo Selvagem e a uma Sociedade de consumo que não tem limites para o tal “desenvolvimento econômico e social” que de um lado gera grandes riquezas a uma minoria e causa imensuráveis problemas, indo muito além de ambientais e sociais, mas também a um questionamento preocupante sobre a real importância da vida dos seres vivos no planeta Terra.

O documentário a História das Coisas, também utilizado em sala de aula, com este mesmo ideal, levou aos discentes um conhecimento acerca dos problemas ambientais causados pelo Sistema Capitalista, onde o que importa é a geração de riquezas. Com base nestes conhecimentos obtidos, levamos aos alunos um questionamento sobre a história de alguns produtos que chegam até o consumidor final, sendo que para isso, foi trabalhado os Setores da economia (Setores Primário, Secundário e Terciário), e a partir daí, eles com algumas embalagens de materiais recicláveis, puderam então verificar por quais setores cada produto passa até se tornar apenas uma embalagem jogada no “lixo” e desconhecida por muitos como produtos recicláveis (Figura 24).

Figura 24: Atividade “História das coisas”, baseada no documentário com mesmo nome: os alunos com embalagens em mãos fizeram o percurso por onde cada produto passou até chegar ao consumidor final, apontando os Setores da economia.



Foto: Arquivo da turma do 8º ano “C”

Diante disto, observou-se que aulas que tenham o objetivo de conscientização e criticidade sobre temas atuais e que estão no cotidiano dos alunos chamam bastante atenção

destes, fazendo os mesmos refletirem sobre a real importância de nossas atitudes, mesmo diante de um sistema que tem grande proporção no nosso cotidiano (Sistema Capitalista), sendo que o mesmo de um lado pode melhorar a vida de alguns, e por outro, levar a segregação de uma grande maioria que fica excluído socialmente.

Para verificar o aprendizado dos alunos, houve a aplicação de várias atividades após as intervenções sobre o tema “desenvolvimento e a questão ambiental”, tais como, pesquisas sobre desastres ambientais em nível local e mundial, caça-palavras e por fim, produção textual utilizando essas palavras.

Os alunos fizeram a atividade caça-palavras (Apêndice 10) em sala de aula e após foi pedido que eles utilizassem essas palavras para criação de um texto, isso com os conhecimentos adquiridos no decorrer das aulas. E então, com criatividade, o aluno Vinícius Amorim Oliveira (14 anos), mostrando que além de um aluno brilhante, é um jovem muito talentoso, fez em sala de aula uma rima sobre os problemas ambientais, como mostra abaixo. Além disso, ainda apresentou, a seu pedido, para toda a turma. O vídeo de sua apresentação foi postado no blog do PIBID/UEPB, (<http://pibiduepbgeo2017.blogspot.com.br/2017/07/atividades.html>). Neste são publicadas as atividades dos bolsistas do projeto e posteriormente os links são colocados nos relatórios.

Resultado da atividade: Caça-palavras

Vou falar sobre as **questões ambientais**,
 Vou falar um pouco, mas não vou falar demais.
 A **miséria** do mundo está em todo lugar,
 É o que mais se fala nas escolas e os alunos não gostam de estudar.
 A **seca** atinge os rios e a população, a maioria ajudando com a **poluição**.
 Por causa do **desmatamento**, vai acabando nosso bem.
 Depois de uma **queimada**, é gerada uma **erosão**.
 A maioria das vezes lá na Amazônia, o nosso pulmão.
 A **Biopirataria** causa **extinção**,
 Existem **animais** presos que nem veem a luz do Sol,
 E morrem de solidão.

Por: Vinícius Amorim Oliveira (14 anos)

Diante dos resultados do aprendizado, não só deste aluno, mas também dos demais, que no decorrer das aulas, com quase um ano letivo nesta turma, a mudança foi notória, sendo que tiveram um crescimento intelectual visível, não só no tema sobre as questões ambientais, mas nos outros que aplicamos em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a utilização dos Multiletramentos, como imagens, música, lúdico, entre outros, pode-se observar que os alunos interagiram com maior êxito nas aulas, assimilando de forma considerável os temas trabalhados. Diante disto, pode-se observar o quanto é importante “quebrar” um pouco a rotina da aula, não dizendo que uma aula tradicional não pode ser importante, e ressaltando não ser obrigatório realizar deste modo em todas as aulas, porque assim, as aulas interativas se tornariam também tradicionais, não havendo aí nenhuma novidade.

Por este viés, verificou-se que os Multiletramentos podem trazer grandes benefícios aos alunos, uma vez que eles trabalham o tema sem se fatigarem tanto, podendo realizar trabalhos incríveis, como os mapas mentais por eles confeccionados, trazendo o imaginário para uma arte com diversos significados, os levando a pensar de maneira crítica e agir na solução de problemas locais.

Logo, podem-se incluir em sala de aula novos letramentos que venham a mediar à construção dos conhecimentos junto aos alunos, facilitando assim as intervenções didático-pedagógicas no ensino de Geografia na escola contemporânea, acompanhando as tecnologias e a desenvoltura destes para que possa resultar em um desenvolvimento cognitivo e social significativo dos mesmos, e tudo isto, resultando em aulas mais proveitosas e que tiveram significado positivo durante o período de um ano da pesquisa e concretização deste trabalho.

No decorrer das aulas, foi notória a mudança dos alunos, pois alguns ficavam isolados na sala, e com vários métodos para os “aproximar” da Geografia, sentimos que algo mudou nestes, sendo que esses que se isolavam, ficando nas últimas cadeiras em sala de aula, agora participam das atividades, conversam sobre os temas abordados em sala de aula, e por fim podemos dizer que nossos esforços foram válidos.

Em suma, para concretização deste Trabalho, que foi pensado desde a minha entrada no PIBID Geografia da UEPB (agosto de 2016), porém algumas pesquisas bibliográficas foram feitas bem antes da vinculação com este Projeto de Iniciação à Docência, no qual particularmente, foi uma das melhores experiências que tive no decorrer da graduação, projeto que proporciona ao graduando uma aproximação mais intensa do que propriamente o estágio supervisionado, já que este nos dá a oportunidade de estarmos em contato com uma mesma turma o ano todo, e gerando assim, um elo mais forte entre o futuro professor e a escola, nos dando um sentimento de “pertencimento” com a profissão de professor/educador.

REFERÊNCIAS

ABÍLIO, Francisco José Pegado; SATO, Michèle. Métodos qualitativos e técnicas de coleta de dados em pesquisa com Educação Ambiental. In: **Educação Ambiental: currículo da Educação Básica às vivências educativas no contexto do semiárido paraibano**. Francisco José Pegado Abílio, Michèle Sato (organizadores) – João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012. p. 19-69.

ALBURQUERQUE, Maria Adailza Martins. **Dois momentos da história da Geografia escolar: Geografia clássica e as contribuições de Delgado de Carvalho**. Rev. Bras. Educ. Geog., Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 19-51, jul./dez., 2011

ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia: ciência da sociedade**. 2. ed. Recife: Ed. Universitário da UFPE, 2008.

BARBOSA, Vânia Soares; ARAÚJO, Antonia Dilamar; ARAGÃO, Cleudene de Oliveira. **Multimodalidade e multiletramentos: análise de atividades de leitura em meio digital**. Rev. bras. linguist. apl. vol.16 no.4 Belo Horizonte out./dez. 2016

CAVALCANTI, Lana de. **Temas da Geografia na escola básica**. Campinas, SP: Papirus, 2013.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajatórias geográficas**. Prefácio Milton Santos. – 3ª ed.- Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

ENGEL, Guido I. **Pesquisa-ação**. Educar, Curitiba, n. 16, p. 181-191. 2000. Editora da UFPR. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/educar/article/view/2045>. Acesso em: 8 de fev. 2017.

Google Play Store. Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/google-play.html>> Acesso em 20 de abril de 2015;

LIBÂNEO, José Carlos, OLIVEIRA, João Ferreira de e TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação Escolar: políticas, estrutura e organização**. 6ed. São Paulo: Cortez, 2008.

LIMA, Cosme de; PENSO, Maristela Sandra Copercini; e SPANCESKI, Janice Licieski. **A geografia e a interdisciplinaridade: diferentes olhares múltiplos conceitos**. Disponível em: < <http://www.faes.com.br/nucleo-de-pesquisa-cientifica/75-portal-do-saber/223-a-geografia-e-a-interdisciplinaridade-diferentes-olhares-multiplos-conceitos>> Acesso em 20 de abril de 2015.

MARCATTO, Celso. **Educação ambiental: conceitos e princípios**. - Belo Horizonte: FEAM, 2002. 64 p.: il. 1.

MATSUKI, Edgard. **Pesquisa mostra como os adolescentes usam internet no Brasil**. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/tecnologia/2012/10/pesquisa-tic-kids-online-brasil>> Acesso em 20 de Abril de 2015.

MENDONÇA, Francisco de Assis. **Geografia e Meio Ambiente**. 8. Ed. 3ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2010. – (Caminhos da Geografia)

MORAIS, Antônio Carlos Robert. **Geografia: Pequena História Crítica**. 17. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

MOREIRA, R. A crítica da Geografia. In: **O que é Geografia**. São Paulo: Brasiliense, 2007, p. 55-70.

NOGUEIRA, A. R. B. Mapa Mental: Recurso Didático para estudo do lugar. In: PONTUSCHKA, N. N. ; OLIVEIRA, A. U. de; **Geografia em Perspectiva: ensino e pesquisa**. São Paulo: Contexto, 2002, p. 125-131.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. O conceito de estudo do meio transforma-se em tempos diferentes, em escolas diferentes, com professores diferentes. In: VESENTINI, José William. (Org.) **O ensino de Geografia no século XXI**. 6. ed. Campinas : Papyrus, 2004. p. 259-262.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Ilda Tomoko; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2007.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Ilda Tomoko; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2009.

PRENSKY, M. **Nativos Digitais, Imigrantes Digitais**. De On the Horizon (NCB University Press), Vol. 9 No. 5, Out. 2001. Disponível em: <<http://poetadasmoreninhas.pbworks.com/w/file/60222961/Prensky%20-%20Imigrantes%20e%20nativos%20digitais.pdf>>. Acesso em: 31 de nov. de 2016.

RENZO, Solange M. Di. A sistematização da[geografia: Humboldt e Ritter. Disponível em: <<http://www.sabernarede.com.br/a-sistematizacao-da-geografia-humboldt-e-ritter/>> Acesso em 10 de Maio de 2015.

RICHTER, Denis. **O mapa mental no ensino de Geografia: concepções e proposta para o trabalho docente**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

ROCHA, Genylton Odilon Rêgo da Rocha. O currículo oficial para o ensino de Geografia: As prescrições oficiais do Estado brasileiro (1995-2010). In: **A formação docente em Geografia: teorias e práticas** / Paulo Sérgio Cunha Farias, Marlene Macário de Oliveira (organizadores). – Campina Grande: EDUFCG, 2014, p. 187-215.

ROJO, R. H. R; MOURA, E. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. _____. Blog nos anos iniciais do Fundamental I: A reconstrução de sentido de um clássico infantil. In: **Multiletramentos na escola**. LORENZI, G. C. C; PÁDUA, T.W de. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p. 35-54.

SANTOS, Daniel dos. Do WhatsApp ao 'chat do Messi', conheça aplicativos para comunicação. Disponível em: <<http://tecnologia.uol.com.br/noticias/redacao/2013/09/30/do-whatsapp-ao-chat-do-messi-conheca-aplicativos-para-comunicacao.htm>> Acesso em 20 de abril de 2015.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia. São Paulo: Editora Hucitec, 1988.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. Ed. 5. Reimpressão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

SAVIANI, D. O trabalho como principio educativo frente às novas tecnologias. In: FERRETTI, C. et. al. (Org.). **Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar**. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 151-168.

SOUZA, M. L. de. Problemas urbanos e conflitos sociais. In: **ABC do Desenvolvimento Urbano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 81-90.

STEFANELLO, Ana Clarissa. **A Didática e Avaliação da Aprendizagem no Ensino de Geografia**. São Paulo: Saraiva, 2009.

TEIXEIRA, Ana Lucia; FREDERICO, Iara da Conceição. Práticas interdisciplinares no ensino de geografia. Disponível em: <<http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT1/tc1%20%2846%29.pdf>> Acesso em 10 de Maio de 2015.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

APÊNDICES

Apêndice 01: Questionário aplicado na turma do 7º Ano D – E.E.E.F. Maria Emília Oliveira de Almeida – 2016.2 - Bairro Presidente Médici – Campina Grande – PB





**PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO À
DOCÊNCIA – PIBID – SUBPROJETO DE GEOGRAFIA**

QUESTIONÁRIO APLICADO JUNTO AS TURMAS PARTICIPANTES

Novato na turma Sim Não Turma: 7D

01. Em qual bairro você mora e qual transporte você utiliza para se locomover até a escola? *Moro no Presidente Médici, e venho andando até a escola.*
02. Em sua opinião, qual o papel da Geografia na escola? Quais conteúdos da disciplina você mais gosta? *O papel da geografia na escola é nos ensinar vários casos sobre a disciplina. Gosto mais dos conteúdos dos municípios, urbanizações e etc.*
03. Relate um pouco de suas experiências ao estudar Geografia anteriormente (quais foram as metodologias e recursos didáticos utilizados pelos professores? Sobre os processos de avaliação escolar, etc). *minha experiência na geografia é que o que estudamos vamos precisar bastante no futuro sobre urbanizações, sobre os países etc.*
04. Você consegue perceber a presença da Geografia em seu cotidiano? De que modo? *Sim. Tipo quando venho pra escola tem umas urbanizações nas ruas, estas calçadas e abitando várias ruas.*
05. Você sente alguma dificuldade em estudar a disciplina de Geografia? Explique. *Não*
06. Em sua opinião, a Geografia é uma disciplina importante no currículo escolar? Justifique. *Sim. Tem uma importância no futuro*
07. Você identificou / identifica alguma dificuldade no ensino da disciplina ao longo de sua vida escolar? *Sim, muitas*
08. O que você espera aprender ao estudar a disciplina de Geografia? *Espero aprender alguma coisa útil para mim no futuro*
09. Apresente algumas sugestões para as aulas de Geografia em sua escola. *O professor poderia ler mais gente pra sair da sala, assistir um filme na escola ou alguma coisa do tipo.*

APÊNDICE 02: Questionário aplicado na turma do 8º Ano C - E.E.E.F. Maria Emília Oliveira de Almeida – 2017.1

PERCEPÇÃO AMBIENTAL

Escola: E.E.E.F. Maria Emília Oliveira de Almeida
 Aluno: Vinicius Amorim Oliveira Idade: 84 anos
 Cidade onde reside: Campina Grande
 Serie: 8º ano C Turno: Matã

1- O que é meio ambiente?
 Seres vivos e os recursos (ar, água, solo,) que a natureza oferece
 São os animais e plantas
 É o lugar onde os seres vivos (plantas, animais e seres humanos) habitam e relacionam-se.
 É o lugar onde o ser humano vive.

2- Em sua opinião, existem problemas ambientais na escola?
 Sim () Não (x). Caso afirmativo, quais?
 falta de água
 lixo
 falta de ambientes arborizados
 outros _____

3- Você se incomoda com esses problemas?
 Sim () Não (x). Por quê? _____

4- Em sua opinião, quem são os responsáveis pelo surgimento de problemas ambientais na escola?
Os alunos

5- Em sua opinião, quem são os responsáveis pela solução desses problemas na escola?
Os professores, funcionários etc.

6- Como você considera o ambiente da escola? limpo () sujo () bem cuidado () mal cuidado () organizado
 desorganizado seguro () inseguro iluminado () não iluminado.

7- Você percebe problemas ambientais na área ou no entorno de onde você mora?
 não () sim (quais?): _____

8- Como você acha que as pessoas podem colaborar para melhorar e/ou conservar o ambiente em que vivem?
Não ficar jogando lixo nas ruas, plantando mais plantas etc.

9- O que você tem feito para melhorar e/ou conservar o ambiente em que vive?
Se ficar em casa comendo e jogando Clash Royale.

10- Você gostaria de participar de algum projeto de educação ambiental?
 De uma sugestão de projeto: Jantar todo a cidade e fazer um -
- projeto de limpeza e arborização das -
- ruas.

Prezado (a) aluno (a)

Por meio desta, pedimos permissão para aplicação do presente questionário com a finalidade de contribuir para o avanço das reflexões acerca dos problemas ambientais e investigar a percepção ambiental dos estudantes na escola _____. Portanto, essa pesquisa tem como objetivo geral avaliar a percepção ambiental como suporte para melhorar a qualidade ambiental através da elaboração de um projeto a nível local. Assim, contamos com a sua colaboração no atendimento ao (à) estudante, fornecendo-lhe as informações solicitadas, bem como assinatura aceitando participar dessa pesquisa e concordando com a divulgação dos seus dados, tendo em vista que os resultados desse trabalho reverterão em benefício da sua própria escola.

Nesse sentido, antecipadamente agradecemos.

Atenciosamente, _____

Aceito participar desta Pesquisa, bem como concordo com a divulgação dos dados. Nome do (a) entrevistado (a): Vinicius Amorim Oliveira
 Campina Grande 10/03 /2017.

Apêndice 03: Intervenção no 8º Ano C – E.E.E.F. Maria Emília Oliveira de Almeida – 2017.1

Apresentação do documentário : “A História das Coisas” para abordar os problemas causados por uma sociedade de consumo e o desenvolvimento sustentável.



Fonte: Arquivo da turma 8º ano “C”.

Apêndice 04: Intervenção no 8º Ano C – E.E.E.F. Maria Emília Oliveira de Almeida – 2017.1

Apresentação do documentário : “A História das Coisas” para abordar os problemas causados por uma sociedade de consumo e o desenvolvimento sustentável



Fonte: Arquivo da turma 8º ano “C”.

Apêndice 05: Aula de campo com o 7º Ano D – E.E.E.F. Maria Emília Oliveira de Almeida – 2016.2
Mostrando os problemas com poluição visual e sonora no bairro Presidente Médici –
Campina Grande - PB



Fonte: Arquivo da turma 7º ano "D".

Apêndice 06: Mapa Mental - 7º Ano "D"



ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL MARIA EMÍLIA O. DE OLIVEIRA

DISCIPLINA: GEOGRAFIA

PROFESSOR SUPERVISOR: JONAS MARQUES DA PENHA

PROFESSORA ADJUNTA: ARIANA RAFAELA CAVALCANTI LIMA

ALUNO (A): Jessica Beatriz Ferreira

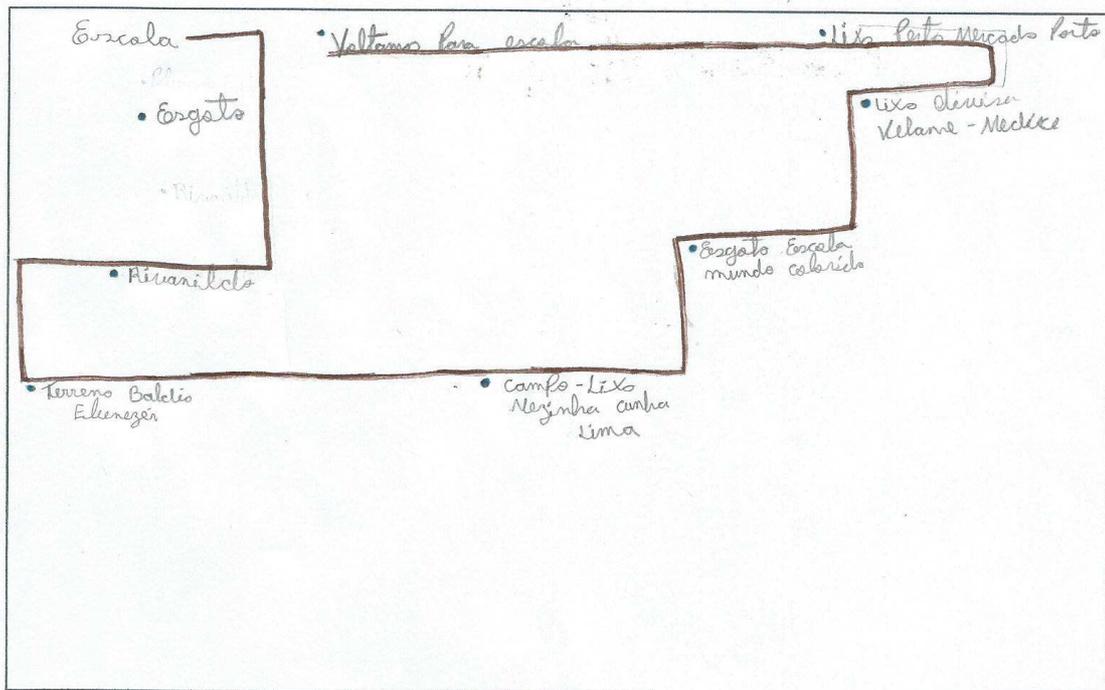
TURMA: 7º D

Data: 30/09/2016

ATIVIDADE

Tema: A Urbanização brasileira

01. Sobre a aula de campo, faça um mapa mental de sua casa até a escola, e neste percurso, mostre os pontos abordados em sala de aula, relatando as vantagens e desvantagens da Urbanização.



Fonte: Arquivo pessoal 7º Ano "D"

Apêndice 07: Mapa Mental - 7º Ano "D"



ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL MARIA EMÍLIA O. DE OLIVEIRA

DISCIPLINA: GEOGRAFIA

PROFESSOR SUPERVISOR: JONAS MARQUES DA PENHA

PROFESSORA ADJUNTA: ARIANA RAFAELA CAVALCANTI LIMA

ALUNO (A): Quete Souto

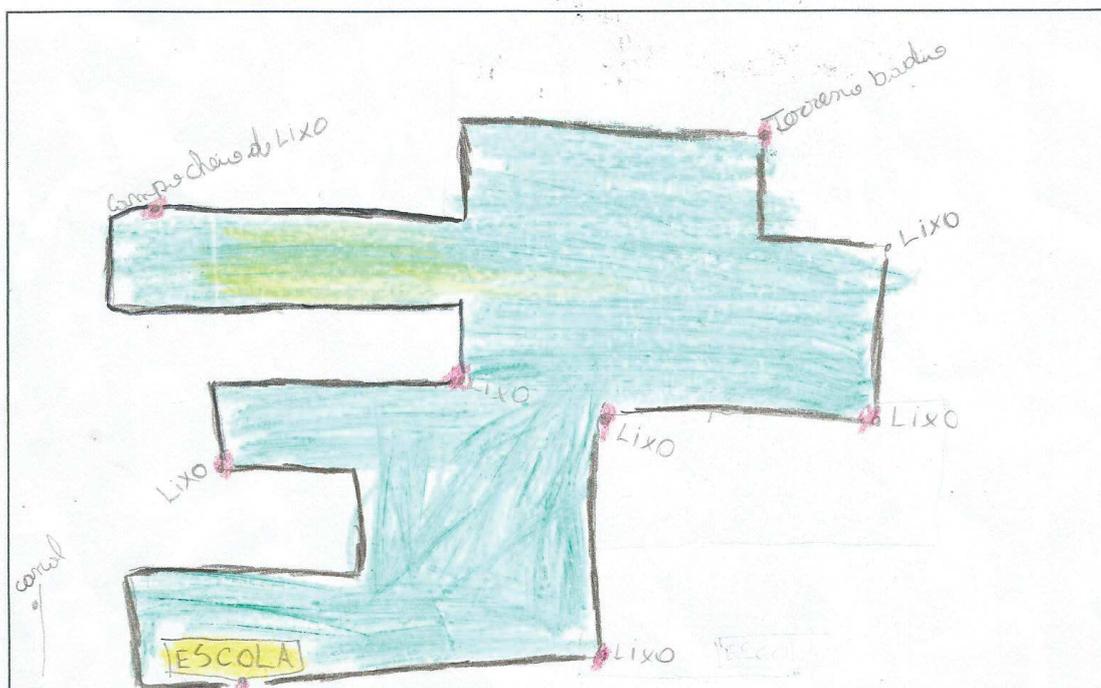
TURMA: 7º D

Data: 16/08/16

ATIVIDADE

Tema: A Urbanização brasileira

01. Sobre a **aula de campo**, faça um **mapa mental** de sua **casa** até a **escola**, e neste percurso, mostre os pontos abordados em sala de aula, relatando as **vantagens** e **desvantagens** da **Urbanização**.



Fonte: Arquivo pessoal 7º Ano "D"

Apêndice 08: Mapa Mental - 7º Ano "D"



ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL MARIA EMÍLIA O. DE OLIVEIRA

DISCIPLINA: GEOGRAFIA

PROFESSOR SUPERVISOR: JONAS MARQUES DA PENHA

PROFESSORA ADJUNTA: ARIANA RAFAELA CAVALCANTI LIMA

ALUNO (A): Paulo Lucas Barbosa da Silva

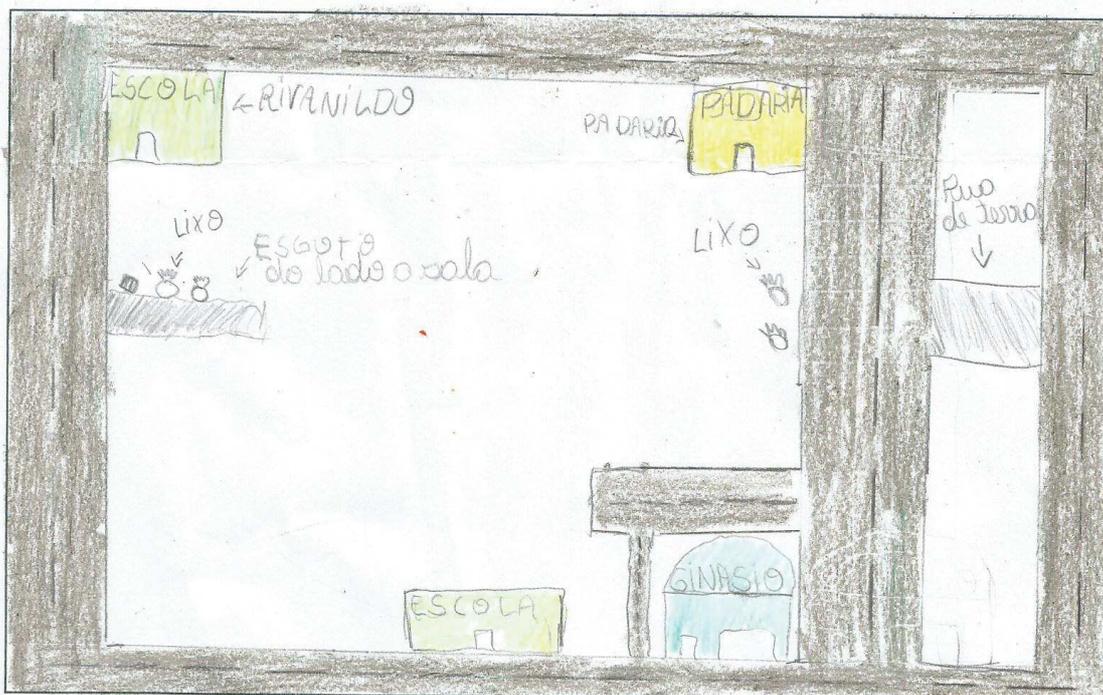
TURMA: 7º D

Data: 16/09/2016

ATIVIDADE

Tema: A Urbanização brasileira

01. Sobre a **aula de campo**, faça um **mapa mental** de sua **casa** até a **escola**, e neste percurso, mostre os pontos abordados em sala de aula, relatando as **vantagens** e **desvantagens** da **Urbanização**.



Fonte: Arquivo pessoal 7º Ano "D"

Apêndice 09: Mapa Mental - 7º Ano "D"



ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL MARIA EMÍLIA O. DE OLIVEIRA

DISCIPLINA: GEOGRAFIA

PROFESSOR SUPERVISOR: JONAS MARQUES DA PENHA

PROFESSORA ADJUNTA: ARIANA RAFAELA CAVALCANTI LIMA

ALUNO (A): Lúcia César Dionísio de Lima

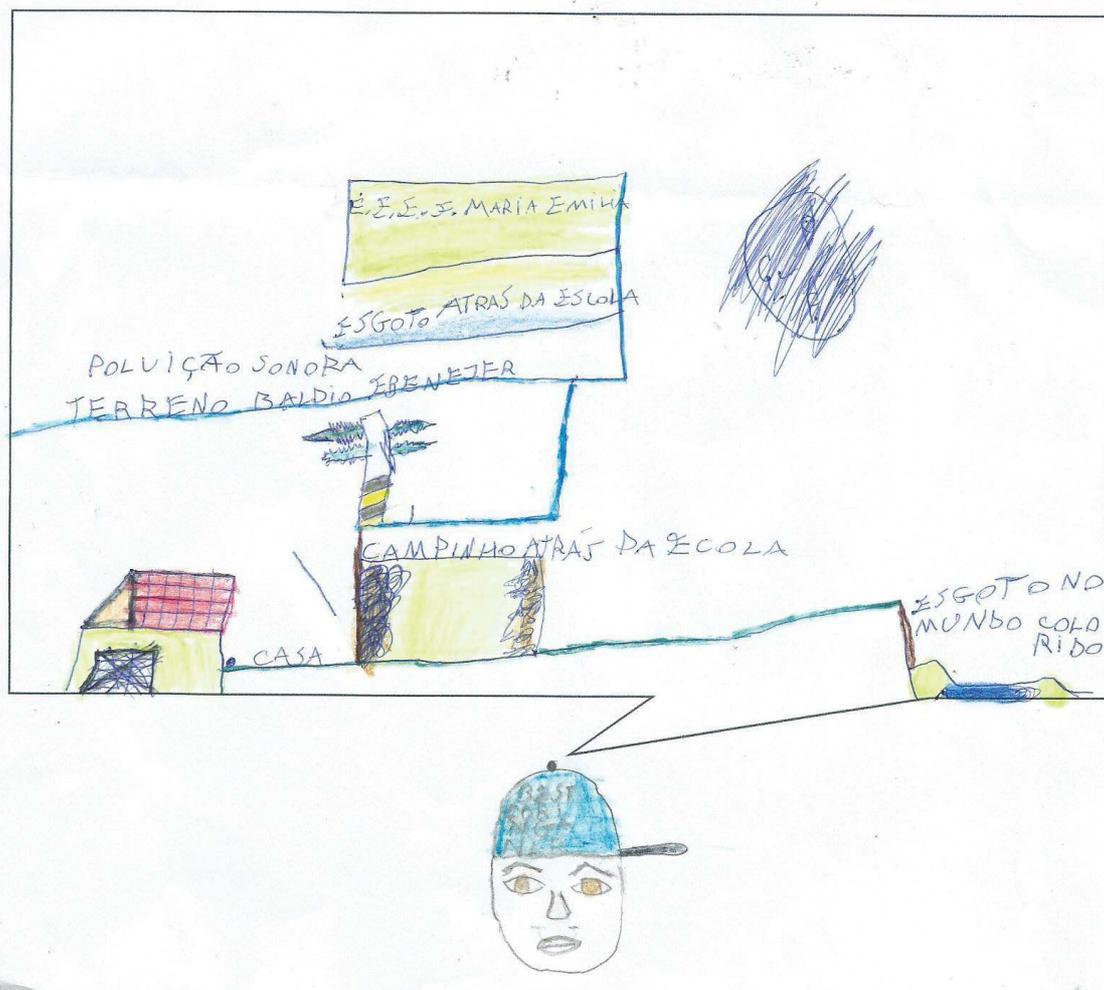
TURMA: 7º D

Data: 16/09/2016

ATIVIDADE

Tema: A Urbanização brasileira

01. Sobre a aula de campo, faça um **mapa mental** de sua casa até a escola, e neste percurso, mostre os pontos abordados em sala de aula, relatando as **vantagens** e **desvantagens** da Urbanização.



Fonte: Arquivo pessoal 7º Ano "D"

Apêndice 10: Atividade Caça-palavras



ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL MARIA EMÍLIA O. DE ALMEIDA

DISCIPLINA: GEOGRAFIA

PROFESSOR SUPERVISOR: JONAS MARQUES DA PENHA

BOLSISTA PIBID: ARIANA RAFAELA CAVALCANTI LIMA

ALUNO (A): _____

TURMA: _____ Data: ____/____/____

ATIVIDADE

Tema: Sociedade de consumo e desenvolvimento sustentável

01. Caça-palavras sobre QUESTÕES AMBIENTAIS

Aquecimento global - Biopirataria - Chuva ácida - Co2 em excesso -

Desmatamento - Erosão - Esgoto - Extinção de animais - Fome - Fumaça - Lixo

Metano - Miséria - Óleo no mar - Poluição - Queimadas - Seca



De acordo com os **conhecimentos adquiridos** durante as aulas e com base no livro didático:

Escreva um texto mostrando **o que você entendeu** sobre o tema (usando palavras do caça-palavras)

ANEXOS

Anexo 01: Música trabalhada em sala de aula

Música: Cidadão

Cantor: Zé Ramalho

Compositor: Lúcio Barbosa

Tá vendo aquele edifício, moço? Ajudei a levantar. Foi um tempo de aflição. Eram quatro condução: duas pra ir, duas pra voltar.

Hoje depois dele pronto, olho pra cima e fico tonto, mas me vem um cidadão e me diz desconfiado: "Tu tá aí admirado? Ou tá querendo roubar?" Meu domingo tá perdido. Vou pra casa entristecido. Dá vontade de beber. E pra aumentar meu tédio, eu nem posso olhar pro prédio que eu ajudei a fazer.

Tá vendo aquele colégio, moço? Eu também trabalhei lá. Lá eu quase me arrebento. Fiz a massa, pus cimento, ajudei a rebocar.

Minha filha inocente, vem pra mim toda contente: "Pai, vou me matricular". Mas me diz um cidadão: "Criança de pé no chão, aqui não pode estudar". Essa dor doeu mais forte. Por que é que eu deixei o "Norte"? Eu me pus a me dizer: Lá a seca castigava, mas o pouco que eu plantava, tinha direito a comer.

Tá vendo aquela igreja, moço? Onde o padre diz amém, pus o sino e o badalo, enchi minha mão de calo, lá eu trabalhei também.

Lá foi que valeu a pena. Tem quermesse, tem novena, e o padre me deixa entrar. Foi lá que Cristo me disse: "Rapaz deixe de tolice! Não se deixe amedrontar.

Fui eu quem criou a Terra, enchi o rio, fiz a serra, não deixei nada faltar. Hoje o homem "criou asa", e na maioria das casas, eu também não posso entrar!

Fonte: <https://www.vagalume.com.br/ze-ramalho/cidadao.html>

Anexo 02: Música Crazy – Simple Plan

Crazy

Tell me what's wrong with society
 When everywhere I look I see
 Young girls dying to be on TV
 They won't stop 'til
 they've reached their dreams

Diet pills, surgery
 Photoshoped pictures in magazines
 Telling them how they should be
 It doesn't make sense to me

Is everybody going crazy?
 Is anybody gonna save me?
 Can anybody tell me what's going on?
 Tell me what's going on
 If you open your eyes
 You'll see that something is wrong

I guess things are not how they used to be
 There's no more normal families
 Parents act like enemies
 Making kids feel like it's World War II

No one cares
 No one's there
 I guess we're all just too damn busy
 Money's our first priority
 It doesn't make sense to me

Is everybody going crazy?
 Is anybody gonna save me?
 Can anybody tell me what's going on?
 Tell me what's going on
 If you open your eyes
 You'll see that something is wrong

Is everybody going crazy?
 Is everybody going crazy?

Tell me what's wrong with society
 When everywhere I look I see
 Rich guys driving big SUVs
 While kids are starving in the streets
 No one cares
 No one likes to share
 I guess life's unfair

Is everybody going crazy?
 Is anybody gonna save me?
 Can anybody tell me what's going on?
 Tell me what's going on
 If you open your eyes
 You'll see that something
 Something is wrong

Is everybody going crazy?
 Can anybody tell me what's going on
 Tell me what's going on
 If you open your eyes
 You'll see that's something is wrong

Louco

Me diga o que há de errado com a sociedade
 Quando todo lugar que olho eu vejo
 Garotas jovens morrendo para estarem na TV
 Elas não pararão
 até elas alcançarem seus sonhos

Pílulas dietéticas, cirurgias
 Fotos "photoshopadas" nas revistas
 Dizen do a elas como deveriam ser
 Isso não faz sentido para mim

Está todo mundo ficando louco?
 Irá alguém me salvar?
 Alguém pode me dizer o que está acontecendo?
 Me dizer o que está acontecendo
 Se você abrir os olhos
 Você verá que algo está errado

Eu acho que as coisas não são mais como costumavam ser
 Não há mais famílias normais
 Pais agem como inimigos fazendo as crianças
 sentirem como se fosse a 3ª Guerra Mundial

Ninguém se importa
 Ninguém está lá
 Eu acho que estamos todos muito ocupados
 Dinheiro é nossa primeira prioridade
 Isso não faz sentido para mim

Está todo mundo ficando louco?
 Irá alguém me salvar?
 Alguém pode me dizer o que está acontecendo?
 Me dizer o que está acontecendo
 Se você abrir os olhos
 Você verá que algo está errado

Está todo mundo ficando louco?
 Está todo mundo ficando louco?

Me diga o que há de errado com a sociedade
 Quando todo lugar que olho eu vejo
 Caras ricos dirigindo grandes SUVs
 Enquanto crianças estão passando fome nas ruas
 Ninguém se importa
 Ninguém gosta de dividir
 Eu acho que a vida é injusta

Está todo mundo ficando louco?
 Irá alguém me salvar?
 Alguém pode me dizer o que está acontecendo?
 Me dizer o que está acontecendo
 Se você abrir os olhos
 Você verá que algo
 Algo está errado

Está todo mundo ficando louco?
 Alguém pode me dizer o que está acontecendo?
 Me dizer o que está acontecendo
 Se você abrir os olhos
 Você verá que algo está errado.